

PUC

A IDENTIFICAÇÃO NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

por

Cléa Alves de Figueiredo Fernandes

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção
do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, GB, setembro 1972

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rua Marquês de São Vicente, 209 — ZC-20
Rio de Janeiro — Brasil

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

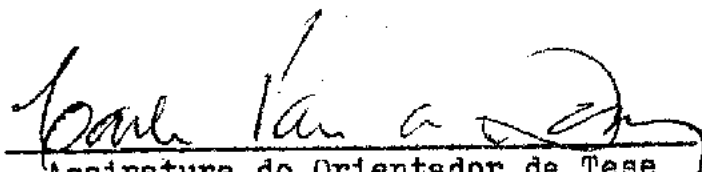
A IDENTIFICAÇÃO NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

por

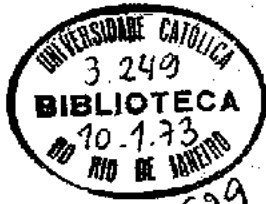
Cléa Alves de Figueiredo Fernandes

Tese submetida como requisito parcial
para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA


Assinatura do Orientador da Tese

Rio de Janeiro, GB, agosto de 1972



vv Tese Proc. catalog

31529

150

F363

TESE UC

UC - 19599-1

Tese apresentada no Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes Professôres:

Dr. Carlos Paes de Barros

Prof. Aroldo S. S. Rodrigues, Ph. D.

Profa. Angela Podkamani, Ph. D.

Aprovada e permitida a impressão

Rio de Janeiro, Setembro de 1972.

AGRADEÇO,

Ao mestre Dr. Carlos Paes de Barros,
pela dedicada orientação e o estímulo durante a execução desta dissertação;

Ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica, pelos meios que ofereceu para executá-la;

Ao Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, pela oportunidade de trabalho, em RETIDE, o que proporcionou tempo disponível para desenvolvê-la;

Aos professores do Curso de Mestrado de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica e à colega Professora Maria Aparecida Mamede, pelas informações que me deram, ao serem solicitados;

Ao meu esposo e aos meus filhos, que aceitaram compreensivamente as horas subtraídas do convívio familiar para a execução deste trabalho.

SUMÁRIO

Esta dissertação pretende demonstrar, mediante comparação dos achados psicanalíticos e etológicos, a existência objetiva e a importância primordial da identificação no desenvolvimento infantil e, por conseguinte, na organização da personalidade humana.

Para tanto, a autora situa a relevância do estudo da Personologia dentro da Psicologia contemporânea e apresenta uma análise do desenvolvimento infantil. Em seguida, apresenta uma visão histórica do conceito de identificação; obviamente, cita Freud, criador do construto, e mostra como a identificação é um tema central em suas teorizações, e está intimamente relacionado com outros conceitos psicanalíticos, especialmente o Superego.

Com base em dois autores pós-freudianos, Anna Freud e René Spitz, é visto como o malogro da identificação prejudica o desenvolvimento da criança e "ipso facto" a formação da individualidade sadia. Anna Freud é apresentada através de seus livros: "O Ego e os Mecanismos de Defesa" (1936) e "Normalidade e Patologia na Infância" (1966). Os relatos clínicos e as interpretações teóricas de A. Freud levaram a autora deste trabalho a concluir o quanto a identificação é condição relevante na estruturação do Ego frente às injunções do Id e restrições do Superego. Ficou evidenciado que quando, nos períodos próprios para a identificação anaclítica e para a identificação com o agressor, não houver condições adequadas, a

estruturação do Ego não se verifica satisfatoriamente, causando diferentes tipos de psicopatologia.

As proposições de Freud e A. Freud foram analisadas por Spitz sob um ângulo mais objetivo, dentro de rigorosas pesquisas clínico-hospitalares. Essas pesquisas, descritas ao longo da obra de Spitz, formam base para se concluir, no presente texto, que, precedendo identificações produtivas, estariam as relações objetais saudáveis. Simultaneamente, isto demonstra como é marcante o primeiro ano de vida do ser humano, quer sob o ponto de vista maturacional como sob o ponto de vista ambiental, tudo referente à mais estreita interrelação da díade: organismo infantil e atuação materna. Foram destacadas as perturbações psicotóxicas, descritas por Spitz, devidas à carência emocional, que ocorrem quando o comportamento materno é de rejeição primária, solicitude ansiosa primária ou, então, hostilidade disfarçada em angústia. Esses comportamentos resultam, no infante, em privação afetiva parcial e total, com síndromes de "hospitalismo" acentuado, a saber: retardamento mental progressivo e marasmo, respectivamente, o que impedirá qualquer tipo de identificação.

A seguir foram apresentados os estudos etológicos relacionados com afeição e modelagem. Por estes enfoques pretendeu-se mostrar como, nos animais infra-humanos, certas ocorrências, nos primeiros tempos de vida, determinam uma série de fenômenos influentes no comportamento do adulto. Se tudo correr bem, o animal estará apto a sobreviver adequadamente com os da sua espécie. Quando há ocorrências traumatizantes, a sobrevivência é difícil: o animal poderá morrer, ou não será capaz de relacionamen-

tos normais com os da sua espécie. As experiências de Harlow com as mães substitutas para os infantes Rhesus, as observações de Hess sobre "imprinting" com patos selvagens, e os trabalhos de Levine sobre a manipulação de ratos, confirmaram as asserções da autora sobre a validade das teses de Spitz. Essas teses se referem ao relacionamento mãe-filho, aos momentos críticos dos primeiros tempos de vida e ao valor do manuseio, do contato e da pressão, para o bebê humano, todas essas condições e matrizes dos diferentes tipos de identificação que possibilitam a socialização.

Finalmente, tendo sido objetivado o fenômeno comportamental identificatório, desde sua origem no homem e no animal, registram-se (neste escrito) seus correlatos neuro-fisiológicos. Não se destaca um centro específico no Sistema Nervoso para identificação, mas delineou-se, para cada tipo de fenômeno identificatório, a necessidade de certas vias neuronais em funcionamento. Na fase da identificação anaclítica ou primária, a mielinização e a ligação Tálamo e Sistema Reticular Ativador capacitam, além da manifestação de necessidades básicas por condicionamento, o relacionamento humano mais primitivo. Progressivamente, as estruturas nervosas vão sendo mais relacionadas até a completa formação do Sistema Motivacional na adolescência, que segue e possibilita as múltiplas formas de identificação dessa fase.

SUMMARY

This study aims to demonstrate by means of comparison between psychoanalytical and ethological findings the objective existence and prime importance of identification in the child's development and as a corollary to this in the organization of human personality.

For this purpose, the author has situated the primacy of the study of Personology within modern Psychology and presents an analysis of the child's development. Then, the reader is provided with a historical view of the concept of identification; obviously Freud being the creator of the construct is mentioned. It is demonstrated how identification is a central subject in his theoretical speculation and its intimate relationship to other psychoanalytical concepts, specially the one of Superego.

Taking two post-freudian psychoanalysts, Anna Freud and René Spitz, as a starting point it is reported how inadequate identification damages the child's development and "ipso facto", the building up of a healthy individuality. In this paper, A. Freud is studied through two important books: "The Ego and the Mechanisms of Defence" (1936) and "Normality and Pathology in Childhood" (1966). Her clinical reports and theoretical interpretations led the author to conclude how fundamentally important is identification to the

performance of Ego's structure in face of the injunctions of the Id and the restraints of the Superego.

It is made plain that when, the conditions for anaclitical identification during the proper period atent adequate Ego's structure is not satisfactory, and this will cause-different types of psychopathology.

S. Freud and A. Freud's assertions were analysed and assumed by Spitz under a much more objective angle as he used a strict method in his clinical researches. These re - searches described all over his scientific work produce fun - damental principle that leads us to the conclusion that the objectal relations should precede the productive identifica - tions. Therefore is also demonstrated how remarkable is the first year of the human life, not only under the maturatio - nal point of view but also under the environmental aspect . All that is related, of course, to the most intimate corre - lation of the diadic facts: the infant's organism and mo - ther's actuation.

The psychotoxic disturbances studied by Spitz, due to emotional deprivation which occurs when mother's behavior is one of primary rejection or primary anxious solicitude or yet agressivity disguised beneath anguish have also been studied. The disturbed mother's behavior result to the infant - in partial or complete deprivation of affection when "Hospitalism" syndrome such as progressive mental feebleness and marasm are detected and any kind of identification is impracticable.

The author has also summarized, the ethological -

studies related to love and imitation. By means of Compared Psychology it is the author's intention to show how significant are for the infra-human animals certain occurrences during the first periods of life; these occurrences are responsible for a serie of phenomena which will be of consequence in the adult animal's behavior. The result of experiments - indicates that if everything is all right the animal will be apt to survive adequately with others of its species, but when traumatic accidents happen its life is in danger, the animal may die or will not be able to establish normal relationships with its fellows.

Harlow's experiments about surrogate mother for the infant Rhesus, Hess's observation about "imprinting" with wild mallards, and Levine's work about rat's manipulation, all these experiments ratify the author's assertions about the validity of Spitz's thesis. One can see that the thesis refers especially to the intimate bond mother-son, the critical periods of the first months of life, the value of handling contact and pressure for the human baby; it means that Spitz's thesis refers to the conditions and matrix of the different types of identification that lead the baby to socialization. Conclusively after taking on the phenomenon of identification and all its consequent behaviors, since its origin in the human being and in the animal as its main object the study points out the existence of neurophysiologic correlates for such procesa. There is no indication of a specific center in Nervous System related to identification but it has been delineated, for each kind of identifi-

cation, the necessity of the functioning of certain neuronics-ways. During the phase of anaclitic or primary identification it counts the myelination and interchange between Thalamus and Reticular Activating System, which not only allows the manifestation of basic necessities by conditioning, but also enables the infant to have the most primitive human bonds.

Progressively the nervous structures get more connected, leading to the complete formation of the motivational system which is reached during adolescence, which allows the multiple kinds of identification during this period of human life.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - Considerações Preliminares	5
1.1. Visão geral do estudo da Personalidade na Psicologia contemporânea e o fenômeno da "identificação"	5
1.2. Condições do desenvolvimento e os processos identificatórios	7
CAPÍTULO 2 - Conceitos Básicos Sobre Identificação	12
2.1. Identificação: histórico	12
2.2. Identificação: Complexo de Édipo e Superego	14
2.3. Algumas considerações interpretativas	18
CAPÍTULO 3 - A Identificação e o seu Malogro	22
3.1. Enfoques pós-freudianos	22
3.1.1. A. Freud em dois tempos: 1936 e 1966	22
3.1.2. R. Spitz - Relações objetais	55
3.2. Enfoques etológicos relacionados com a afeição e modelagem	74
3.2.1. Harlow	74
3.2.2. Hess	84
3.2.3. Levine	88
3.3. Hipóteses feitas com base nos estudos apresentados	92
3.3.1. Existência do fenômeno	92
3.3.2. Modalidades do fenômeno	95
3.3.3. Extensão do fenômeno	96
3.3.4. Origem do fenômeno	97
3.3.5. O fenômeno da identificação e sua patologia	98
CAPÍTULO 4 - Base Neurofisiológica da Identificação e sua Origem	103
CONCLUSÃO	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117

A IDENTIFICAÇÃO NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve sua origem nos seminários sobre Psicologia da Personalidade oferecidos nos dois primeiros semestres do Curso de Mestrado. Nesses seminários, muitos conceitos freudianos foram estudados em profundidade e fizemos pesquisas em diferentes autores de outras escolas psicológicas a fim de verificar quais teriam, implícita ou explicitamente, apresentado construtos semelhantes aos propostos por Freud. Interessamo-nos pelo conceito da identificação. A idéia inicial era, além da pesquisa bibliográfica comparativa, fazer uma pesquisa de campo sobre a identificação e a delinquência juvenil por meio de observação, inquéritos, testes, etc... nas prisões, asilos, hospitais psiquiátricos e escolas especiais. Verificamos, porém, a impraticabilidade, a curto prazo, deste projeto. Resolvemos então estudar a identificação, como fator importante na formação da Personalidade desde as formulações iniciais de Freud, e aos pontos de vista de Anna Freud e E. Spitz até às contribuições recentes de autores não psicanalistas, tais como: Harlow, Hess, Levine e Hare a fim de tentar uma explicação do processo.

Ao dividir o conteúdo da dissertação nos capítulos indicados, a autora pretendeu desenvolver a seguinte linha de pensamento:

1º) - Situar a identificação no estudo da Personalidade:

Para tanto fizemos inicialmente uma exposição sumária e genérica sobre a importância do estudo da Personalidade na Psicologia atual, para assim situar a identificação no estudo da Personalidade, mostrando o seu papel relevante no processo do desenvolvimento normal e patológico.

2º) - Resumir as contribuições de Freud ao problema da identificação.

Propusemo-nos, com este fim, apresentar de modo sucinto o histórico e a evolução do termo e sua ligação com os construtos "Complexo de Édipo" e "Superego", dentro da teoria de Freud. Acrescentamos, nesta parte, comentários que julgamos pertinentes sobre alguns aspectos do pensamento freudiano.

3º) - Apresentar confrontos com os outros autores, psicanalistas, escolhidos.

Fizemos uma exposição sucinta e uma avaliação crítica das contribuições de Anna Freud e Spitz. Do pensamento de Anna Freud examinamos a identificação como mecanismo de defesa fundamental para a estrutura da personalidade: a identificação anaclítica do infante, a identificação com o agressor, e a múltipla identificação da adolescência. Demonstramos que em Anna Freud o tema da identificação abrange todo o desenvolvimento individual e mais especificamente a organização da conduta sexual, normal ou patológica.

De Spitz, apresentamos suas contribuições sobre a identificação, nas várias etapas do desenvolvimento: período pré-objetal, o período do objeto precursor e o período objetal propriamente dito. Nesses períodos, surgem os organizadores psíquicos ou fatores estruturais da personalidade.

Ressaltamos em Spitz o estudo das relações mãe e filho, insatisfatórias e traumáticas para demonstrar nosso pensamento de que desde o período neo-natal as relações afetivas influem decididamente para o tipo de identificação. E quando inadequadas, aquelas relações impossibilitam o surgimento de identificação e por isso há dificuldades de adaptação ao meio. A criança não consegue um desenvolvimento global capaz de garantir-lhe a sobrevivência.

49) - Comparar as asserções psicanalíticas do item 39 (sobre a importância dos primeiros relacionamentos afetivos) com as observações dos etologistas.

Através do estudo, isto é, observação e experimentos, sobre a conduta de outros animais (mamíferos e aves), verifica-se a constância do fato biológico que é a díade mãe e filho e o efeito disso para a espécie.

De Harlow resumimos as experiências com macacos Rhesus criados: 1) com mãe; 2) com mãe substituta; 3) sem qualquer tipo de mãe. De Hess, relatamos as experiências sobre "imprinting" com patos selvagens; e relacionamos seus achados com a tese de Spitz, sobre momentos críticos na vida da criança; de Levine apresentamos as experiências manipulatórias com ratos, as quais rela-

cionamos com o efeito do manuseio e outros estímulos sensoriais que devem existir para desenvolver a sensibilidade e reatividade infantil, isto é, pôr em funcionamento seu potencial afetivo, base da identificação. De cada um destes etólogos vimos o valor de seus achados, comprovadores da tese que defendemos.

Como conclusão, ainda neste item, procuramos demonstrar que, não obstante a complexidade do termo identificação e a multiplicidade de seus significados, conforme os diferentes autores, o fenômeno identificação é verificável quando examinado com objetividade desde os primórdios da vida individual. E se assim for feito, verificar-se-á que é um fator central para a organização da personalidade.

59) - Demonstrar que se o fenômeno é universal e verificável haverá uma referência neural distinguível para o seu processamento.

Se conseguimos demonstrar a fenomenologia da identificação, esse processo deve possuir um correlato neuro-fisiológico, suficientemente distinguível dentro da complexa estrutura do sistema nervoso. Baseamos nossos estudos em Fantz, Hill, Morgan e Hare.

Em conclusão poderemos afirmar, em decorrência da nossa pesquisa, que a identificação é um fenômeno autêntico e verificável, fazendo parte inequívoca do processo de desenvolvimento e, portanto, um fator essencial na formação da personalidade humana.

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

1.1 Visão geral sobre o estudo da Personalidade na Psicologia contemporânea e o fenômeno "identificação".

Desde Bernard e Cannon no campo da Fisiologia, e de Freud no campo da Psicologia, os conceitos de saúde e doença sofreram modificações importantes. Antes, saúde e enfermidade eram compreendidos como processos qualitativamente diferentes. Foi Freud quem se empenhou em mostrar que existe continuidade entre saúde e doença mental. Eis uma das razões pela qual o estudo da personalidade ficou, para a maioria das escolas, unificado. (Vemos, por exemplo, a suspicácia como traço de caráter que tem diferença apenas gradual das idéias delirantes do paranoíde). Ligado ao estudo da personalidade, seguindo a unificação citada, temos a compreensão de que as manifestações mentais e somáticas são integradas dentro de um organismo que está em interação com o meio ambiente; obviamente, a totalidade do organismo vivo não se entende em função de uma simples soma de partes. Trata-se de uma entidade nova, uma organização ou configuração. Freud, com as instâncias psíquicas Id, Ego e Superego formando a mente, achava mais que o tipo de personalidade resultava de como o indivíduo solucionava seus conflitos intrapsíquicos; não deu também, tanta ênfase à influência da interação social além da do triângulo familiar. A nós pa

rece que o pensamento mais moderno em Psicologia é prosseguir seletivamente com a contribuição das grandes escolas e colocar o problema da personalidade dentro de conceitos unitários: isto é, absorvendo as descobertas da Biologia, procurando vias neurais para os construtos freudianos (e não, simplesmente negá-los) ampliando a importância do ponto de vista social e da aprendizagem e chegar assim a uma síntese mais científica. Hoje, parte do mistério sobre o ser humano está sendo desvendado, mas resta muito a ser descoberto. A nosso ver, seria excessiva simplificação se procurássemos reduzir todo o psiquismo ao campo biológico.

Dentro destas colocações preliminares, estudamos a obra de Freud, e ao destacarmos a identificação, situando-a dentro do estudo da Personalidade, vamos primeiramente descrever a evolução desse conceito. Vários psicanalistas aprofundaram o estudo da identificação e mostraram que ela poderia ser origem de distúrbios, quando frustrada. Escolhemos entre eles dois autores muito representativos do pensamento psicanalítico contemporâneo, Anna Freud e René Spitz.

Numa rápida síntese recapitulamos que a personalidade tem os seus fatores determinantes: biológico (o organismo) e mesológico. O fator mesológico compreendendo, por um lado, todo o ambiente geográfico, e por outro, o ambiente social, isto é, a família, a comunidade local, a sociedade com suas instituições.

Sabe-se que para o desenvolvimento pleno das personalidades influirão os processos de maturação e de aprendizagem. Maturação é referente ao fator biológico, com-

preende o crescimento e o amadurecimento anátomo-fisiológico das diferentes estruturas orgânicas, preparando o indivíduo para a aprendizagem adequada nas diversas etapas da sua vida. A aprendizagem refere-se ao intercâmbio organismo e meio: é a vivência contínua de cada ser modificando a conduta e adquirindo hábitos. A aprendizagem pode ser por meio de condicionamento (clássico e operante) e por identificação. E para explicação da conduta de uma pessoa, tem-se que buscar a sua motivação, e nesta participa também a identificação, conforme veremos mais adiante. Como a personalidade sofre distúrbios provenientes de um ou mais de seus determinantes, impõe-se a inclusão do estudo da Psicopatologia.

Depreende-se que a personalidade é pois uma integração de todas as características individuais que determinam uma forma especial de comportar-se, sendo que para esta integração fazemos a hipótese de que ocupa um lugar especial o fenômeno IDENTIFICAÇÃO.

1.2 Condições gerais do desenvolvimento e os processos identificatórios.

Atualmente, para a maioria dos psicólogos, a infância é a fase crucial do homem. Fica demonstrada esta simples asserção quando são analisadas as condições biológicas e sociais que caracterizam a espécie humana em seus primeiros anos, correlacionando-as com os resultados do desenvolvimento dentro da família.

As principais condições destacadas pela Psicologia contemporânea podem ser resumidas nas seguintes:

a) Debilidade biológica dos primeiros meses: Quando o ser humano nasce é, por longo tempo, o ser que necessita de cuidados dos pais, ou substitutos, para sobreviver. Daí a dependência extrema à mãe, parecendo que não se diferencia dela, tal qual como no período fetal. Deste fato, Freud, Anna Freud, R. Spitz e outros tiraram conclusões sobre os desenvolvimentos normais e anormais, incluindo nesses desenvolvimentos tipos de identificações primárias, como veremos mais adiante.

b) Plasticidade e fragilidade: O ser humano, no início e no decorrer de seus desenvolvimentos até a adolescência, amolda-se facilmente aos mais variados meios. O ritmo da maturação e aprendizagem amplia a capacidade de aquisições culturais. Também, por isto, é susceptível em situações adversas de uma adaptação sofrida, que resulta em inibições das suas potencialidades inatas ou de esforços para preservá-las. A criança não tem autonomia e capacidade crítica para mudar situações desfavoráveis. Estas, em grau maior ou menor, traumatizam, angustiam a criança; e esta vulnerabilidade terá suas consequências até na vida adulta.

Quando os traumatismos surgem no relacionamento familiar, entramos frontalmente em problemas de identificação, conforme veremos mais adiante. Esses problemas entre pais e filhos influenciam toda a infância e se interligam com outras características da mesma.

c) Individualidade: Outra característica da infância é o fato de que as crianças diferem uma das outras. A partir do potencial genético cada criança terá, com exceção dos gêmeos univitelinos, um tipo de temperamento,

um ritmo de maturação, inteligência e outras capacidades que a tornarão diferente ² da maneira de absorver ou de reagir ao ambiente. Disto surge a base da historicidade única de cada indivíduo.

d) Desenvolvimento sexual típico: É um aspecto importante dentro do desenvolvimento global do homem. Para os psicanalistas, seguindo Freud, a evolução da libido é de importância fundamental na formação da personalidade. Esta evolução, de acordo com a organização da libido, teria as seguintes fases: oral, anal, fálica e genital. Contribuindo para o desenvolvimento, adequado ou não, da libido, estão as implicações sociais do relacionamento com os pais.

O fator cultural para o desenvolvimento, inegavelmente, é o fato de que há sempre aprendizagem sistemática ou imitativa na aquisição de hábitos higiênicos, controle dos esfíncteres e tabus sexuais.

e) Tendência à autonomia: Esta característica é a resultante mesma do crescimento e da maturação das estruturas orgânicas, quando há normalidade e interação também regular com o meio social. Diz-se então que desenvolvimento é o processo em direção à autonomia e cujo primeiro passo é a ruptura da ligação ou dependência primária com a mãe, ou substituta. Conforme o grau de independência, atingido com relativo senso de responsabilidade, tem-se configurado um aspecto do caráter de um indivíduo. Por exemplo: se a dependência intensa à mãe persiste depois de certa fase, dependência e passividade constituirão a tônica caracterológica do menino. Assim, também, se há rompimento prematuro das vinculações necessárias,

pode a criança não adquirir segurança e recorrer a formas neuróticas de atuação com o mundo que a cerca.

f) Necessidade afetiva: Entre as necessidades básicas do lactente, devidas às condições apresentadas, infere-se as que são essenciais: fisiológicas, afetivas e de aprendizagem. Estão interligadas e são igualmente importantes. Para a finalidade deste trabalho, cabe-nos salientar somente a necessidade afetiva.

Se, como se viu, a condição inicial do ser humano é de fragilidade e incompetência, ele vai precisar de cuidados maternos especiais para subsistir. Estes cuidados não se restringem só ao suprimento alimentar e higiene mínima; terão que ser acompanhados de desvelo, ternura, ou seja, do envolvimento integral por um ser capaz de amar. Não nos compete discorrer sobre o que se entende por amar, mas é sabido que este verbo e o substantivo amor são difíceis de definição. Convém, todavia, frisar que nos referimos aqui ao "amor produtivo", no dizer de Erich Fromm (1956)¹ e que inclui: cuidados, interesse, conhecimento, respeito e aceitação do objeto amado. De amor produtivo precisa todo ser humano, do nascimento à morte; é ele, porém, de fundamental importância nos primórdios da vida. A criança tem de sentir-se protegida pelos pais e confiar neles; experimentar, primeiramente, estabilidade para ser capaz, depois, de enfrentar outras situações; ter alguém com interesse nos seus feitos e progressos, e compreensão de seus traços específicos e suas inabilidades. Aceitação, por fim, de sua pessoa, sendo providos meios racionais de amadurecimento e de progresso sociais. As manifestações deste tipo de afeição vão, é claro, além de atitudes intelectuais; suben-

tende-se que variam conforme a idade; mas, nos primeiros meses tudo indica que é vital a inclusão do aconchego corporal da mãe, as carícias, o manuseio suave de brincadeiras, verbalizações carinhosas, etc. A ênfase no seio materno ("o seio bom"), o processo incorporativo da teoria psicanalítica têm aceitação nas teorias do desenvolvimento, de maneira predominante, porque não significa somente a dádiva do leite materno. Sabe-se que conta para o bebê progredir também o contato do seio, do corpo que o nutre. Este fato sobre aproximação física, apego à mãe, é tão significativo que quando não existe pode criar sintomas irreversíveis, os quais foram pontos de partida das observações de Spitz sobre o que ele chamou de "hospitalismo". Assim, também, a influência e eficácia do contato carinhoso constante nos primeiros meses de vida tem sido recentemente demonstrado através de observações e experiências com outros mamíferos. Por exemplo: Harlow, desde a década de 50 e mais recentemente, fez estudos comparativos de comportamento animal, porcos e macacos Rhesus. Ele chegou à mesma conclusão dos psicanalistas por caminhos diferentes: a presença afetiva da mãe oferecendo contato íntimo é indispensável para elicitar o comportamento psico-sexual dos mamíferos. Sem esta presença eles se tornarão eventualmente adultos, mas completamente anormais na convivência com seus semelhantes; "a fêmea, quando mãe, o será negativamente, isto é, sem a capacidade maternal comum à espécie na criação dos filhotes". (Harlow - 1962)².

CAPÍTULO 2

CONCEITOS BÁSICOS SOBRE IDENTIFICAÇÃO

2.1 Identificação: Histórico

É um truísmo dizer como é difícil definir certos fenômenos; mas, no caso deste fenômeno complexo, tão interpretado e discutido em várias escolas psicológicas, faz sentido registrar esta dificuldade. É bem verdade que domina, entre as muitas conceituações, aquela apresentada por Freud, pioneiro da Psicologia Dinâmica. Sendo assim, cabe-nos, primeiramente, historiar a origem do termo. Começamos por situar dentro da teoria psicanalítica, comumente apresentada, como sendo a identificação um dos mecanismos de defesa dos mais importantes para o indivíduo.

Como é sabido, Freud foi quem colocou em relevo a importância dos fatores emocionais como determinantes do comportamento. À medida em que o indivíduo se desenvolve tem que encontrar formas de conduta adequadas para cada fase por que passa, que lhe permitam satisfazer suas necessidades e viver relativamente ajustado com o mundo exterior (princípio de realidade). Este mundo contém as inúmeras gratificações (objetos libidinais), mas também nele existem os obstáculos que trazem frustrações e conflitos, causas de ansiedade ou angústia. Destarte, o indivíduo vai aprendendo métodos que o permitam satisfazer seus desejos e adaptar-se à realidade e procurando reduzir a ansiedade diante de qualquer situação frustradora.

Nisto vemos que Freud considera o desenvolvimento da personalidade, em grande parte consequência de aprendizagem, no que se encontra de acordo com os psicólogos da aprendizagem contemporânea. A esta maneira de aprender que começa num plano inconsciente, Freud chamou de defesa; este termo aparece no seu escrito "As Neuropsicoses de Defesa" (1894)³ e depois em "Estudos sobre a Histeria" (1895)⁴ e com esta expressão ele descrevia as lutas do Ego contra as idéias penosas (afetos); depois ele chama de repressão, o que antes especificou por defesa; mas a partir de 1926 designa de defesas todos os mecanismos dos quais o Ego se serve durante conflitos susceptíveis de provocar neuroses. A repressão seria um destes mecanismos; os outros seriam deslocamento, fixação, regressão, conversão, etc. Mais tarde, Anna Freud (1936)⁵, em seu livro "O Ego e os Mecanismos de Defesa", completa e amplia as conceituações sobre mecanismos mentais e acrescenta como tais as defesas: identificação, projeção, racionalização e fantasia. Adler, também, acrescenta o mecanismo de compensação.

Os mecanismos de defesa têm, pois, como finalidade, manter a personalidade, apesar dos conflitos entre tendências contraditórias, num estado de integração mental de relativa congruência interior, permitindo ao indivíduo funcionar de maneira eficiente diante dos obstáculos e pressões que surgem. Seriam estes mecanismos, assim pensamos analogicamente, agências homeostáticas psíquicas, pois que, se cotejarmos o que disse Cannon (1932)⁶: "The organism reacts to a disturbance in such a way that relevant aspects of the original internal conditions tend to be restored", enquanto Freud (1920)⁷ em sua obra

"Além do Princípio do Prazer" diz: "qualquer distúrbio origina um desagradável estado de tensão e este então de termina por ele mesmo tal processo, o qual na fase final coincide com o relaxamento de tensão", isto é, evita a dor ou reduz a necessidade. Ambos autores tratam do res-tabelecimento do equilíbrio interno, somático e psíqui-co, respectivamente.

2.2 Identificação: Complexo de Édipo e Superego

Freud já tendo escrito (nem sempre distintamente) sobre as expressões defesa, repressão e, posteriormente, mecanismo de defesa, entre 1894-1926, neste mesmo perí-odo, por volta de 1897 - fala em identificação nas suas cartas a Fliess (Obras Completas, vol. III)⁸ e na "Inter-pretação dos Sonhos" (1900)⁹, onde são muitas as cita-ções do termo identificação, sem utilizar rigor na con-ceituação do mesmo. Já em escritos posteriores, contendo discussões férteis sobre o Complexo de Édipo e organiza-ção da sexualidade, Freud apresenta mais e mais, diferen-tes conceituações para o termo em estudo e, por último, em sua revisão (1938)¹⁰ também é discutida a identifica-ção. Verifica-se que a identificação na obra de Freud vai tomando um valor central, diríamos até que constitui o fulcro por excelência no qual se forma a evolução do ser humano.

Para não somente transcrevermos o que já foi inter-pretado por vários dos autores, diríamos que Freud deu a este simples mecanismo, estudado com referência aos fe-nômenos históricos, sutilezas crescentes, até que apre-sentou diferentes modalidades de identificações, confor-

me a idade do indivíduo, e disse que várias identificações podem ocorrer simultaneamente. Mas até o fim de sua obra ele não se satisfaz com as próprias explicações sobre a complexidade referente ao fenômeno identificação.

Dos incontáveis raciocínios discursivos sobre a questão, achamos conveniente reportarmos a um dos trechos mais decisivos e sintéticos de Freud, por isto mesmo considerado clássico, apontado por muitos estudiosos de Freud. O texto focaliza diretamente a questão, e está na sua obra "Psicologia das Massas" (1921)¹¹.

"A identificação é conhecida em Psicanálise como a manifestação mais precoce de um laço afetivo a outra pessoa e desempenha um papel importante na pré-história do Complexo de Édipo". (O grifo é nosso)

A seguir ele diz como em relação ao menino o fenômeno se passa: primeiramente um interesse pelo pai que seria o seu ideal, (isto sem a passividade feminina)... si simultaneamente ou pouco mais tarde o menino toma a mãe como objeto libidinal; vê-se, então, duas ordens de fenômenos afetivos diferentes, um sexual e outro de identificação, que coexistem sem se perturbarem.

"...até que a vida psíquica, tendendo a unificar-se faz com que os dois sentimentos se choquem e daí nasce o Complexo de Édipo normal".

Nesta fase edipiana, o menino sente o pai como obstáculo, e sua identificação adquire um matiz hostil (grifo nosso); daí por diante a ambivalência é evidente: ora uma atitude filial carinhosa, ora demolidora (reporta-se à fase oral canibalesca). É possível resolver-se positivamente a crise edipiana pela capacidade de sublimar os impulsos libidinais e hostis referentes, respectivamente,

à mãe e ao pai. Quando se forma uma identificação mais evidente e produtiva para o desenvolvimento do menino, tem-se a identificação secundária.

E generalizando no mesmo texto:

"... tudo que comprovamos é que a identificação aspira a conformar, o próprio Ego, a outro tomado como modelo".

Achamos pertinente complementar, ainda que resumidamente, como seriam os primórdios do fenômeno identificação na menina dentro do pensamento freudiano. Para tanto vamos apontar um dos vários textos de Freud dos mais expressivos escritos nos últimos anos de sua vida e obra, ao discorrer sobre a sexualidade feminina (1931)¹².

"Também para a menina o primeiro objeto foi a mãe. Como então acha seu caminho para o pai? Como e quando se desliga da mãe? Reconhecemos há tempos que o desenvolvimento da sexualidade feminina se vê complicado pela necessidade de renunciar à zona genital originalmente dominante, o clitóris, em favor da vagina. Assim também, uma segunda mutação semelhante: a troca do primitivo objeto materno pelo pai, nos parece não menos característica e importante para o desenvolvimento da mulher. Não podemos, todavia, reconhecer com clareza, de que modo estas duas operações se vincularam entre si". (Freud-1931) (O grifo é nosso)

"... a mulher só alcança a situação edípica positiva, normal, desde que haja superado a fase dominadora de um complexo negativo. Na realidade, durante esta fase o pai não é para a menina muito mais que um molesto rival e sua hostilidade contra ele nunca alcança a violência característica do menino. Depois de tudo faz tempo que renunciamos a toda esperança de encontrar um paralelismo puro e simples entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino". (Freud-1931)¹³ (O grifo é nosso)

"A vida sexual da mulher se divide sempre em duas fases, a primeira das quais é de caráter masculino, enquanto que só a segunda é especificamente feminino". (Freud-1931)¹⁴

É difícil, pois, compreender-se como se passaria esta crise edipiana no sexo feminino; segundo Freud, o complexo de Édipo feminino não é simétrico ao do menino. Por isto ele não aceita a expressão analógica de Jung "Complexo de Electra" quando diz:

"... nossas formulações sobre o dito complexo (Édi po) unicamente pode aplicar-se, em sentido estrito, ao menino e que temos razão em não aceitar a expressão (Complexo de Electra) que tende a destacar a analogia da situação entre os dois sexos. É somente no menino que existe a fatal conjunção simultânea de amor para com um dos pais e ódio, por rivalidade, contra o outro". (Freud-1931)¹⁵

Por conseguinte, o problema da identificação da menina com a mãe, ou seja, a identificação secundária feminina é muito importante: segue uma evolução mais sinuosa e difícil, embora com conseqüências, quer positivas ou negativas, menos acentuadas que nas crianças do sexo masculino.

Sabe-se que a descoberta do Complexo de Édipo por Freud foi realizada através de sua auto-análise, como escreve na correspondência com *Fliess* (1900), e mais sistematicamente em sua obra "Interpretação dos Sonhos"¹⁶. Usou a expressão - Complexo de Édipo - nos seus escritos publicados a partir de 1910.

Desde então, verifica-se que na teoria psicanalítica global, através de seus mais diferentes autores, o Complexo de Édipo tem um papel básico na estruturação da personalidade. É o ponto crítico, conforme sua resolução, para existência de personalidades saudáveis ou nos vários graus de patologia.

Para uma conceituação condensada sobre o Superego,

é suficiente lembrar que é uma das instâncias psíquicas descritas por Freud em sua segunda teoria do aparelho psíquico. O termo aparece pela primeira vez no livro "O Ego e o Id" (1923)¹⁷. É, como se sabe, o herdeiro do Complexo de Édipo, formando-se através do processo de identificação especial que pode conter vários tipos de identificação por uma ou por várias pessoas. O indivíduo assimila o censor, a autoridade, interioriza as exigências parentais e forma também o ideal do (seu) eu: é a própria organização da "moralidade endopsíquica" (H.Kohut e P.D.Seitz)¹⁸.

Em síntese: o período pré-edipiano, a crise edipiana, a resolução edipiana, o desenvolvimento do Superego são fases que referem a tipos de identificação para ambos os sexos. São, pois, conceituações básicas, interdependentes, complexas (nem sempre nítidas) deste tema central - "identificação" - no pensamento de Freud e no histórico da expressão, nas mais categorizadas teorias sobre a Personalidade.

2.3 Algumas considerações interpretativas

O que desenvolvemos acima é uma tentativa de pôr em destaque, exclusivamente para fim histórico, esta idéia das mais importantes e férteis da Psicanálise. Não caberia nos limites do tema proposto fazer uma análise crítica exaustiva deste conceito psicanalítico.

Críticas cáusticas têm sido feitas por muitos à obra de Freud, sem que produzissem efeito na assimilação crescente e valorizada de várias de suas descobertas dentro das teorias psicológicas atuais. É mais que isto,

elas formam o conteúdo mesmo de grande movimento cultural do século: a Psicanálise penetra na Ciência Médica, nas Artes e na Pedagogia.

É comum os opositores de Freud apontarem como sendo falhas essenciais de sua Psicologia, os fatos de ter uma base biológica, ser reducionista, dogmática e depois tornar-se anímica e especulativa, além de se apresentar com uma tônica filosófica determinista e hedonista; tudo isto de permeio a conceitos e dados empíricos não operacionais. No nosso entender, do que conseguimos estudar até hoje, acatamos certas críticas, sobretudo as referentes ao dogmatismo em muitas asserções (hipotéticas), a dificuldade em distinguir proposições verificáveis, das narrativas. Mas não concordamos que Freud esteja errado ao se preocupar com causas ou motivos biológicos dos fenômenos psíquicos, procurando dar uma base neurofisiológica à sua Metapsicologia, mesmo quando cria os construtos anímicos. As descobertas que fez compensam, pela sua importância, as lacunas no rigor metodológico. Foi Freud que pôs a concepção dinâmica da Psicologia em sua plenitude; a motivação inconsciente foi de onde surgiu o estabelecimento da continuidade entre normal e patológico. As inovações que trouxe com suas conotações simbólicas e de variados teores - biológico, psíquico, antropológico, filosófico, etc. - foram assimilados da própria cultura européia do seu tempo, mas a sua criatividade genial conseguiu tirar idéias, análises e sínteses originais apresentadas em todos os seus escritos. Ele veio da severa escola de Helmholtz através de Brücke, de quem foi discípulo. Esses cientistas defendiam o princípio: "nenhuma outra força, além das forças físico-químicas, atua dentro

do organismo" (Boring-1950)¹⁹. A conservação da energia foi outra tese defendida por Helmholtz e assimilada por Freud, que asseverou ser a vida psíquica derivada da energia física. O evolucionismo de Darwin influenciou-o também. Daí a concepção da sua "teoria do desenvolvimento" em que admite a evolução de um sistema neurônico capaz de atingir a organização do aparelho psíquico; este teria uma energia interna (catexa) proveniente das pulsações, isto é, da energia orgânica, energia física.

Assim, pelo que foi dito acima e em síntese, pode-se classificar Freud "sob o aspecto metafísico, como monista materialista (energético-evolucionista), enquanto que sob o aspecto metodológico (fenomenal) foi dualista, pois admitiu eventos fenomenais fisiológicos psíquicos" (C.P. Barros-1970)²⁰.

Quanto ao nosso tema, uma das principais hipóteses de Freud contém as mesmas qualidades e defeitos já apontados. Ora a identificação emocional entre pais e filhos refere-se à disposição de agir como outro alguém (Bronfenbrenner-1960)²¹, ora a identificação é um meio de aprendizagem (erros ou acertos) por um processo de identificação através do qual o indivíduo aprende motivos e comportamentos; é o que veremos na chamada identificação anaclítica e na fase conflitiva (Complexo de Édipo) da identificação secundária (Bronfenbrenner, op.cit.), como também a identificação é o próprio resultado de uma modelagem, isto é, a conduta em si (Bronfenbrenner, op.cit.).

Não comentamos nem comparamos quaisquer definições de outros autores, psicanalistas ou não, com o propósito inicial, conforme dito acima, de enfocarmos, tão somente,

o aspecto histórico do conceito, conforme o criador da expressão. Mas quando estudamos o assunto em outros psicólogos e observamos na vida real o fenômeno identificação, julgamos crível que muitos psicanalistas aceitem, ainda "pari passu", a explicação freudiana da origem da identificação secundária masculina, pois vários aspectos são verificáveis. Causa estranheza, porém, quando estudos da Psicanálise não fazem grandes restrições à identificação secundária da menina.

Somos de opinião que as diferentes significações e nuances enriquecedoras (algumas citadas) que a noção de identificação toma ao longo da obra de Freud, fizeram-na, às vezes, problemática ou sem clareza, o que a tornou uma das fontes mais férteis de interpretação por parte de alguns psicanalistas tais como: M.Klein, F.Alexander, Sandor Ferenczi, Wilhelm Reich e outros, e de algumas recriações mais ou menos objetivas e interessantes como as de Anna Freud e R.Spitz.

CAPÍTULO 3

A IDENTIFICAÇÃO E O SEU MALOGRO

3.1 Enfoques pós-freudianos

3.1.1 Anna Freud em dois tempos: 1936 e 1966

Anna Freud, filha e discípula de Freud, continua os estudos do pai e tornou-se conhecida como especialista de psicanálise de crianças.

Vamos comentar dois livros de A. Freud, os quais marcam épocas do pensamento da autora: "Ego e Mecanismos de Defesa" (1936)²², com influência diretamente freudiana, e "Normality and Pathology in Childhood" (1966)²³, escrito após longos anos de atividade na Inglaterra, sob a influência do ambiente e língua desse país e novas experiências clínicas. As obras escolhidas, a nosso ver, não têm conteúdo contraditório, mas apenas distintos. O último amplia o primeiro e mostra a evolução no pensamento psicanalítico. Para nós interessou a proeminência que em ambos a autora dá à identificação no desenvolvimento da personalidade, além da orientação no sentido da Psicologia do Ego.

Posição sobre Psicologia do Ego - Partiu da observação de Freud, que salientava a grande importância das relações da criança com seus pais para o desenvolvimento da personalidade. Ele havia demonstrado o fato de que a infância perdura no ser humano embutida na organização

do caráter e que condiciona o modo particular como cada um enfrenta os múltiplos problemas da vida. Esta ênfase na infância não significa, porém, que o caráter tal como foi organizado nos primeiros períodos da vida seja imodificável; tanto assim que a psicanálise baseia-se na possibilidade de transformação do caráter em idades posteriores. Para A. Freud a psicanálise não significa, pois, somente a descoberta do inconsciente, das fantasias infantis continuadas na vida adulta. A psicanálise como terapêutica começa com a Psicologia do Inconsciente, mas

"seu objetivo é o ego e suas perturbações; a investigação do id e suas diferentes maneiras de atuar constituem só o meio para lograr aquele fim. E sempre tem sido invariavelmente o mesmo: a extirpação dos transtornos e o restabelecimento da integridade do Ego" (A. Freud-1936, pg.14)²².

Mecanismo de defesa - Para resumir o pensamento da autora de "Ego e Mecanismos de Defesa" basta lembrar que no Id prevalece o processo primário, ilógico, onde os opostos não se excluem mutuamente e a condensação se estabelece de modo espontâneo, onde o princípio do prazer rege soberanamente. Já no Ego, o curso de representações acha-se sujeito às estritas condições do processo secundário. Os impulsos do Id não logram de imediato a satisfação que buscam; há que ver as condições da realidade, o respeito às leis éticas que pelo Superego governam o Ego. Os impulsos instintivos perseveram em lograr seus fins pela própria tenacidade e energia: esperam vencer e empreendem irrupções no Ego, e "o Ego por seu lado torna-se desconfiado e inicia contra-ataques e avanços no território do Id" (A. Freud-op.cit., pg.60).

Seu propósito é obter uma permanente paralização

instintiva mediante recursos defensivos apropriados que assegurem suas fronteiras (A.Freud-op.cit., pg.14). (O grifo é nosso)

Em linguagem mais simples, conforme já nos referimos, temos os conhecidos mecanismos de defesa que são meios psicológicos que o Eu utiliza na solução de conflitos entre as exigências de adaptação ao meio familiar e social.

A.Freud mostra que o termo defesa, como vimos, é dos mais antigos na teoria freudiana (1894); considera que até hoje podem ser apontados dez destes mecanismos: repressão, regressão, formação reativa, anulação, projeção, introjeção, identificação, sublimação, volta contra si mesmo (masoquismo) e transformação no contrário (sadismo).

Os motivos de escolha deste ou aquele mecanismo pelo Ego é desconhecido; mas A.Freud acha que a repressão combate os desejos sexuais e os outros mecanismos seriam empregados, sobretudo, contra os impulsos agressivos. Teoricamente, certos mecanismos só deveriam existir depois da formação nítida do Ego - tais: a repressão, introjeção e projeção - somente quando o Eu é diferenciado do mundo exterior. E continua a autora de "Ego e Mecanismos de Defesa": a sublimação, sendo o deslocamento da direção do objeto instintivo para um valor social mais elevado, pressupõe aprovação ou conhecimento de valores, pressupõe a existência do Superego. Estes seriam os mecanismos utilizáveis relativamente tarde. Enquanto regressão, masoquismo, sadismo deviam ser independentes do grau da estrutura psíquica atingida e eles seriam tão antigos

como as primeiras manifestações de conflitos entre impulsos instintivos e qualquer obstáculo para sua satisfação. Mas, dialeticamente, nos diz a autora: "esta cronologia teórica desmonta-se na prática clínica e pedagógica. Pois que, já se viu crianças tenras com sintomas histéricos, e por outro lado, masoquismo típico é coisa rara na infância". Ao mesmo tempo considera que introjeção e projeção são os mecanismos determinantes da separação do Ego e do mundo exterior. Conclui que até o momento é difícil um acordo sobre a época de formação exata do Superego. Tudo isto demonstra a dificuldade de apresentação cronológica de certos processos ainda envoltos em incertezas.

Angústia frente ao Superego e identificação - E, por que surgem as defesas contra os atos instintivos? Diz que a maioria das defesas é motivada pela angústia frente ao Superego: isto, nos adultos. Explica: o Ego não se oporia a buscar a satisfação exigida pelo Id, mas o Superego protesta; para o Ego, o instinto não é perigoso; perigoso é o conflito Ego e Superego. A defesa surgiria da angústia ante o Superego. Terapeuticamente dá-se atenção ao Superego diminuindo sua valorização, o que deve aliviar o Ego do paciente.

Esta concepção do Superego como origem de perturbações neuróticas tem dado esperança para a prevenção de neuroses, evitando-se que as normas educacionais contribuam para a formação de um Superego excessivamente severo. Neste ponto, a nosso ver, a autora já inclui um tipo de identificação já bem assimilado pela pedagogia moderna, em termos psicanalíticos ou não:

"a figura dos pais, cujo exemplo é o conteúdo do

Superego, por identificação, deve oferecer à criança uma imagem real de seres humanos com suas debilidades e com atitude tolerante para os instintos, em lugar de representar um código moral rígido de difícil execução na vida quotidiana" (A. Freud - op. cit., pg.65).

Angústia objetiva - Na neurose infantil, o Superego não pode ser considerado como responsável, pois ainda não está formado. Os distúrbios ocorrem quando, havendo medo dos castigos e ameaças pela satisfação instintiva não tolerada pela autoridade, o pequenino se entra em angústia objetiva ou real. Na linguagem puramente freudiana seria o medo à castração e outras coisas cruéis da pedagogia vitoriana.

"O Ego do menino teme o instinto porque teme o mundo exterior e sua defesa instintiva resulta da grande pressão exercida pela angústia real ou objetiva" (A. Freud, op.cit., pg.107). Pelo que se verifica como o mundo externo influencia a criança e por isto deve e pode ser modificado em benefício da profilaxia da neurose; do mesmo modo como acima se preconiza um Superego menos rígido, aqui se aconselha um tratamento educacional doméstico e escolar menos drástico ou atemorizante.

Medo da destruição do Ego - Tem-se ainda a defesa instintiva "devido à angústia provocada pela força do instinto". Foram constatadas, através de observações clínicas, sintomas neuróticos em pacientes, sem que houvesse neles sido estabelecido nenhum Ego neurotizante por rigidez e sem que houvesse medo de castigos objetivos. Quando os "poderes protetores" são omissos ou fracos e as exigências do Id excessivas, pode haver uma hostilidade do Ego contra o instinto; esta se transforma em angústia

tia e daí os sintomas, os mecanismos opostos. Nesta situação há como um medo de submersão, de destruição do "eu", caso a autopermissividade ou o Id domine, o que provoca a mobilização de defesa contra o mesmo, com todas as características neuróticas.

Muito congruente é o arremate do assunto sobre motivos de defesa; nos casos dos motivos de angústia frente ao Superego e ao mundo punitivo, há uma origem comum: seria não ter um prazer primário, uma satisfação imediata, para evitar um desprazer secundário, o sentimento de culpa e o castigo. Acrescente a estes motivos a necessidade do Ego manter sua integridade e síntese em correspondência ao princípio de realidade. Este tem entre outros fins, o de afastar o desprazer secundário.

Identificação com o agressor e formação do Superego
 - Tratando-se do mecanismo identificação temos que uma das mais originais contribuições de Anna Freud à Psicanálise é o estudo da identificação com o agressor; (ela sabe que esta idéia está implícita em Freud, no livro "Além do Princípio do Prazer").

É preciso, primeiramente, enfocar o assunto a partir da diferença entre inibição e restrição do Ego; o neurótico inibido se defende contra a realização de um ato instintivo proibido, ou seja, defende-se contra a situação do desprazer por algum perigo interno. Teme seus processos internos, por exemplo, os sentimentos de culpa. Eis a inibição do Ego. Na restrição do Ego, este evita as impressões desagradáveis do mundo externo, no presente, que podem provocar o ressurgimento de impressões iguais do passado, por exemplo, frustrações de êxito em

uma tarefa.

As características inibição e restrição combinam-se, entretanto, no processo da identificação com o agressor porque nesta confluem conflitos internos e externos. A identificação seria o mecanismo mental em que o sujeito copia e externaliza a agressão do mundo exterior, ao mesmo tempo que internaliza a atitude de crítica ao seu comportamento errôneo. Entre os exemplos mais expressivos que a autora cita tem-se o do menino que fazia caretas quando era repreendido diante da classe que ria muito, apesar da irritação do professor. Examinada atentamente esta situação pela equipe de Aichorn, chegou-se à conclusão que o menino pretendia sopitar sua angústia imitando a expressão zangada do professor: "Pelas caretas identificava-se com o objeto temido exterior"(A.Freud-op.cit.).

Há também o caso da menina que tinha medo de fantasmas e por isto não atravessava uma parte de sua casa, no escuro. Mas, a partir do dia em que começou a imitar fantasmas por meio de gestos esquisitos, foi capaz de andar no escuro, atravessando a sala que antes temia.

Há o exemplo do garoto, em tratamento analítico: um dia, ao ter sofrido no dentista, passa a sessão fazendo, com facas, pontas no lápis e arrancando-as. Nisto se identificava com o tipo de agressão sofrida.

Ainda um exemplo expressivo, o do menino, também em análise: ao chegar perto de falar sobre a masturbação que praticava, de tímido tornou-se agressivo, por um certo tempo: "rugia e batia com uma vara o que lhe aparecia pela frente, começou a atirar facas". É que estava terrivelmente angustiado, temia castigos e ameaças. Rugindo,

açoitando e golpeando, dramatizava o castigo, antecipava-o. Após a confissão temida, o seu conteúdo foi interpretado e discutido; ele voltou ao normal e sintomaticamente esqueceu a vara com a qual punia o mundo em volta. Antes deste retorno à sua timidez, ele havia se transformado de pessoa ameaçada em temível ameaçador.

Vê-se também que alguns adultos em tratamento analítico apresentam períodos de resistência e com atitude regressiva criticam o analista. Geralmente isto acontece quando pretendem omitir material íntimo, necessário à interpretação global. Sabem que isto não é correto em psicanálise; então recriminam a quem deveria recriminá-los. Este mecanismo é típico de ritos punitivos em que as pessoas invocam espíritos perigosos e para aplacá-los "recebe-os" em expressões e gestos terrificantes.

Na infância, ao que tudo indica, pelos exemplos observáveis na prática clínica e pedagógica, a identificação com o agressor é uma etapa a meio caminho para o desenvolvimento do Superego: há internalização das críticas sobre a conduta vindas do ambiente; isto se passa em repetições sucessivas, as quais fazem progredir o grau de internalização. Ao mesmo tempo, deve haver introjeção de qualidades do educador. Como se vê, a criança ainda não possui uma autocritica suficiente; a criança não se volta contra seu procedimento censurável, mas contra o mundo exterior que a castiga ou poderá castigar. Assim, há a projeção da culpa, outro tipo de defesa completando o início da identificação com o agressor. Um Ego que utiliza intensamente este último processo será mais intolerante com o mundo exterior do que severo consigo próprio.

Fica sabendo o que é errado mas, por causa de defesa identificadora com o agressor, livra-se da autocrítica. Desta maneira, esta etapa que precede a formação do Superego é por isto também uma fase preliminar da moral; esta começa realmente quando a crítica internalizada (Superego) é coincidente na instância do Ego a certeza do próprio erro. Daí por diante o Superego severo dirige-se para o interior (sentimento de culpa) criando-se ao mesmo tempo uma atividade de tolerância com o ambiente.

As personalidades que se fixam na fase transitória aludida não conseguem ter um senso moral mais objetivo. Exemplo dramático disto é a possibilidade do desencadeamento de estados paranóides, uma vez que está implícita no mecanismo de identificação com o agressor a combinação de introjeção e projeção: e vê-se que a projeção da culpa é a tônica dos estados paranóides.

Identificação participante - Há outro tipo de identificação apontado por A. Freud ligada, a princípio, à projeção infantil. Consta que a projeção é utilizada pela criança para rejeitar seus próprios impulsos, desejos e atos.

Viu-se que a projeção de culpa faz os indivíduos se comportarem de modo intolerante com seus semelhantes. É possível, todavia, que muitas vezes a projeção possa também estabelecer relações altamente positivas com as características do que se chama altruísmo. Os impulsos do indivíduo, as fantasias remanescentes da puerícia são julgadas em outros, e o conjunto tem uma tonalidade nitidamente libidinal; não há recriminação ao mundo exterior, do qual ele não se afasta ou repele como na identificação com o agressor. Pelo contrário, persiste intenso re-

lacionamento social, através da "identificação participante", de modo contínuo. Anna Freud apresenta com minúcias o caso de uma moça sob tratamento. Quando criança tinha fortes motivações para realizações sexuais, fantasias de conquistas, vaidades, etc. Tornou-se adulta desinteressada daquelas realizações pessoais. Dedicava-se aos outros com inusitado interesse: seguia os amores de suas amigas, seus triunfos e a carreira dos amigos. Enfim, "em lugar de experimentar algo em si mesma, vivia a vida dos demais" (A.Freud-op.cit., pg.138). Na análise verificou-se a origem dessa atitude altruísta, mas desconcertante para ela própria. Houve uma frustração de conquista amorosa, quando ainda púbere; o objeto de amor era um jovem que desejava namorar com sua irmã. Após o choque da desilusão viu-se ativamente a ajudar esta irmã a enfeitar-se para sair com seu eleito. Sentiu alegria pelo êxito da irmã. Identificou-se com quem deveria invejar. Daí por diante repete o processo cada vez que tem frustrações em suas aspirações. Procura alguém com possibilidade de êxito (projeção), ajuda em suas atividades, rejubila-se ou sofre; enfim, identifica-se.

O exemplo mais típico da renúncia altruísta por projeção e identificação é, sem dúvida, o drama romântico de Cyrano de Bergerac (E.Rostand). Achando-se feio demais para conquistar a mulher a quem ama, ajuda o belo Cristian a fazê-lo com sucesso. Tornam-se amigos, acompanha a vida guerreira de Cristian, defende-o, protege-o com ardor. Pela morte dele, ainda assim, não tenta substituí-lo. Seria deslealdade ao amigo que fez Roxana feliz.

Nestes casos de identificação participante, até a

segurança ou a própria vida é relegada a segundo plano, o que revela uma situação neurótica. Mas no âmago do processo persiste a busca "egoísta" de um prazer de dedicação recompensada e, às vezes, um sentimento de heroísmo.

A. Freud não chega a afirmar que toda sorte de comportamento expressivamente altruísta seja originado desta composição de processos, projeção e identificação. Estes explicam, porém, muitos casos clínicos de desinteresse, desamor à própria vida, chegando até às formas de puro masoquismo.

A puberdade e os mecanismos mentais - Ao falar sobre a puberdade A. Freud diz estar a Psicanálise de acordo com outras escolas quanto à importância desse período na formação caracterológica, descrevendo igualmente a rica variedade de atitudes contraditórias e comportamento tumultuoso do mesmo.

A diferença da visão psicanalítica de outras teorias é não achar que o primado sexual genital desse período seja o início da vida sexual da espécie humana. O desenvolvimento sexual começa no primeiro ano de vida. A puberdade apresenta no plano orgânico a maturação das gônadas e, concomitantemente, uma exaltação generalizada do erotismo.

Há, também, uma recapitulação de todo o período sexual infantil como veremos mais adiante. Em todas as fases críticas do desenvolvimento sexual - primeira infância, puberdade, climatério - verifica-se o poderio do Id e debilidade do Ego. Isto no que concerne a manifestações, porque o Id conserva, de um modo geral, um caráter constante (mesma quantidade energética); o Ego, todavia,

é de grande mobilidade. (A.Freud-op.cit., pg.154)

Para resolver os conflitos intrapsíquicos da crise pubertária o Ego utiliza, com intensidade, diferentes mecanismos de defesa.

Vimos num rápido retrospecto o que se passa antes da puberdade. No período infantil a angústia predominante dos pequeninos pacientes era de origem real ou objetiva; vinha do mundo pressionante e punidor. No período da latência há como que uma diminuição das exigências instintivas, e há o enriquecimento intelectual; o pleno controle motor dá um certo domínio em relação ao mundo em derredor; supera-se a situação edipiana.

"A dependência anterior aos pais diminui progressivamente e vai ser substituída pela identificação com um dos pais - o envolvido afetivamente" (A.Freud, op.cit., pg.159).

Daí por diante estabelece-se uma mudança no tipo de angústia existencial que será, de modo mais constante, do tipo inibitório frente ao Superego. Quando irrompe a puberdade, a relativa trégua do período de latência termina. A maturidade fisiológica acompanha uma estimulação dos processos instintivos. Isto faz aumentar os conflitos internos (sentimento de culpa) como também, devido à vulnerabilidade do Ego, surge um comportamento incontrolado que gera conflitos externos. E como recapitulação das fases anteriores, de maneira perturbadora, tudo se passa como se o Id, dispondo de maior carga libidinal, a empregasse sem discriminação:

"...os impulsos agressivos chegam a uma crueldade sem freios, a fome é voraz; os interesses oral e anal retornam à superfície; ...os desejos edipia-

nos são satisfeitos sob a forma de fantasia, sonhos e devaneios; ...idéia de castração ... inveja do pênis ocupam novamente o interesse individual" (A.Freud-op.cit., pg.161).

A sexualidade infantil assim recapitulada encontra, como já foi dito, outras condições do Ego. Este é lábil na sua reatividade; e nesta fase os processos cognitivos desenvolvidos, mais a aprendizagem social estabelecida na latência, sugerem redobrados esforços para manter sua integridade. Luta para livrar-se das angústias objetiva e de consciência. Para tanto emprega todos os meios de defesa: reprime, desloca, nega e inverte, e volta contra si mesmo os instintos; produz-se então os sintomas fóbicos, conversões histéricas e reduz a angústia através do pensamento e da conduta obsessiva.

Pelo que se depreende, há uma luta aguerrida com vitórias parciais do Id: fantasias, regressões sexuais, com portamento agressivo, etc., acompanhados das formas de angústias e, às vezes, sintomas neuróticos aludidos. Quando o desenvolvimento do púbere é normal (típico), a luta descrita vai suavizando-se, sendo o tumulto substituído pelo reforço e interesse referentes a uma genitalidade específica com fins objetivos. Este primado genital tem representações nas altas esferas psíquicas, o que acarreta a sublimação, em parte, da tensão libidinal existente.

Tem-se que o adolescente entra noutra fase fascinante e difícil que é o início da maturidade com seus mecanismos defensivos teoricamente aquietados, mas não ausentes, prontos a serem utilizados com ênfase quando há alguma interferência, repetindo sintomas do período crítico de púbere. Na melhor das hipóteses, quando o Ego sai

vitorioso, é o caráter adquirido pelo indivíduo na latência normal que se manifestará de forma marcante no adulto.

Entre os comportamentos típicos do adolescente, decorrentes dos mecanismos mentais que utiliza, A. Freud cita o ascetismo, a intelectualização e a identificação na puberdade. O ascetismo, é uma repressão instintiva diferente das demais que originam as neuroses comuns. Há como que um renunciamento do instinto em si, envolvendo não esta ou aquela satisfação, mas a vida inteira do indivíduo, podendo até mesmo atingir as satisfações de necessidades vitais. Acontecem interrupções súbitas e exageradas desta penitência e depois a conduta fica tendendo ao normal. Algumas vezes, pode ocorrer que a auto-cura não se produza; tem-se a rigidez anti-instinto, até o caminho para psicose manifestada por uma atitude catatônica. Neste ascetismo verifica-se a forma máxima da ambivalência humana: um desejo de prazer tirânico e uma aversão fortíssima em buscá-lo. A intelectualização é correlata com a maturação completa do indivíduo. Suas potencialidades mentais estão aí. Ele pode, e é o que acontece comumente, não utilizá-las para fins que a sociedade denomina de produtivos. Certamente emprega esta crescente capacidade intelectual para fazer meditações e especulações sobre a vida em seus aspectos concretos e abstratos. Há pesquisas e discussões espontâneas entre grupos de colegas sobre comportamento sexual, amor moral, autoridade, opções e que tais. E como se vê:

"Os temas que polarizam o interesse de primeiros planos do adolescente demonstram ser, à luz de uma observação mais profunda, os mesmos que promoveram conflitos entre as instâncias psíquicas" (A. Freud, op.cit., pg.177).

Este intelectualismo, todavia, pouco interfere na conduta atual do adolescente. Ele pode chegar a conclusões de grande sabedoria ou de moralismo diante da vida e agir ineptamente, como também pode parecer cético, cínico e ter um comportamento comedido; como ainda pode seguir rigidamente suas concepções teóricas. De qualquer forma há um aguçamento crítico analítico que mais tarde frutificará em ações congruentes.

Identificação na adolescência - Focalizando o assunto do nosso tema, A. Freud fala da identificação na adolescência.

Uma das características da adolescência é a maneira "sui generis" de suas relações objetais; nisto se verifica, com nitidez, o conflito entre tendências opostas. A repressão, a desconfiança do Ego referente ao instinto, e em decorrência a atitude ascética vai, no princípio, contra a fixação amorosa dos objetos infantis - (oposição instintiva). Em linguagem não psicanalítica vê-se que o adolescente tende a afastar-se dos pais, da família; torna-se um estranho no lar. O Superego, envolvido com a afetividade e autoridade dos pais, sofre oposição do Ego. Clinicamente o púbere torna-se anti-social (como já se descreveu) mesmo quando, anteriormente, tenha tido traços de idealismo. O perigo da ameaça dos instintos predomina, o indivíduo tem angústia - medo da destruição do Ego. Em tal situação de afastamento dos objetos familiares, não pode, contudo, viver isolado, seria o máximo de desamparo que o levaria à psicose. Daí, o sentimento de menos valia, proveniente da angústia de perder-se, faz com que o adolescente substitua os objetos da infância

por novas fixações. Tem-se o início de diferentes tipos de identificação; com colegas da mesma idade desenvolve-se a amizade de confidências mútuas e buscas de afinidade; com pessoas mais velhas que servem como modelos admiráveis, ou mesmo orientadores constantes. Uma grande dose de exaltação emocional envolve estas relações. Note-se, porém, que a característica destas identificações é que

"O adolescente não deseja tanto a posse do objeto no sentido corporal ou comum ao termo. Seu fim parece ser a maior assimilação possível da pessoa amada nesse momento" (A. Freud-op.cit., pg.184).

Quando varia o objeto de fixação varia também a atitude, expressão, linguagem, até a indumentária do adolescente. Inclui-se na atitude as idéias religiosas e políticas que variam conforme o modelo, não importando a convicção de julgar-se senhor das opiniões que emite. Estas fixações intensas e efêmeras da puberdade não são, pois, do tipo das relações objetivas da vida adulta. São identificações primitivas, assemelham-se às do início da vida infantil (pg.186). Explica-se, parcialmente, esta inconstante efervescência afetiva, em consequência da ruptura com antigos objetos infantis que poderá dar ensejo a atitudes extremas de ascetismo ou então uma regressão libidinal: a volta ao narcisismo de maneira rígida. Assim, com receio destes perigos, o adolescente faz esforços para estabelecer conexões com objetos externos. E isto por meio de identificação com algum teor narcisista.

A. Freud termina seu pensamento sobre a adolescência e seus mecanismos acentuando a semelhança dos fenômenos da puberdade e o início dos processos psicóticos, devidos, ambos, aos efeitos das mudanças quantitativas na

carga instintiva que faz aumentar o medo ao instinto e, por outro lado, faz o Ego defender-se de todos os modos possíveis.

Ser um adolescente "normal" em crise normal depende do uso sem rigidez, de todos os mecanismos ao seu alcance.

"Desta maneira, o Ego triunfa quando suas funções defensivas cumprem seus propósitos: limitar a angústia e o desprazer e assegurar ao indivíduo, mesmo em circunstâncias difíceis, algumas satisfações. Na medida do possível, portanto, estabelecer harmonia entre Id, Superego e forças do mundo exterior" (A. Freud-op.cit.).

Em "Normality and Pathology in Childhood" (1969)²³, A. Freud mostra com mais clareza as dificuldades da análise em crianças, assim como apresenta um conjunto de regras, técnicas e interpretações sobre a matéria.

Desenvolve completamente seu ponto de vista de prevenção da neurose que dentro de certas limitações pode ser feita através da educação psicanalítica. Enfatiza a importância do ambiente familiar, os adultos da família que, por sua vez, assimilaram regras e costumes de geração anterior e pretendem passar este acervo sócio-cultural atuando sobre a criança. Aponta como muito relevantes as relações iniciais do ser humano, capazes de, quando omíscas ou precárias, prejudicar de modo irreversível a estruturação do aparelho psíquico. Trata-se das crianças desvalidas, sem lar, sem mãe, asiladas ou de campo de concentração. O trabalho psicanalítico nesses casos é quase impossível. Estas crianças não conseguiram a constância objetal no devido tempo e não conseguirão qualquer tipo de transferência, inclusive com o analista. De

preende-se que os processos identificatórios serão malogrados. Destacamos estes pontos justamente porque têm esta ligação evidente com o nosso tema. É importante este início de vida bem relacionado por ser isto o começo daquela condição primordial da espécie humana: a dependência, não só biológica, como todos estudiosos a vêem, mas como algo que se aprofunda na organização psíquica e repercute toda vida. A. Freud segue mais uma vez a S. Freud:

"O longo período da dependência infantil humana é responsável por assuntos de vital importância, tais como a capacidade para formar relações objetivas em geral e o Complexo de Édipo ou particular, a luta cultural contra a agressão e a necessidade de religião; enfim, a dependência é essencial para a humanização, socialização do indivíduo e para suprir suas necessidades ético-morais" (A. Freud-1969, pg.44).

Este estado de dependência que deve variar em magnitude conforme a fase do desenvolvimento, é que, desde o início da vida, como ficou patente, prevê padrões de identificações que por sua vez são indispensáveis na construção da própria independência individual (A. Freud-1969, pg.46). Quando é precária, conforme foi referido, ou quando é em excesso temos o início de identificação insatisfatória e daí o desenvolvimento patológico. O excesso de dependência acarretando identificação prejudicial é exemplificado por mães que passam seus sintomas aos filhos ou a um determinado filho. São verdadeiros modelos neuróticos ou psicóticos e então o binômio mãe e filho atuam juntos numa forma de "folie à deux" (A. Freud-1969, pg.47). A. Freud, todavia, continua mais enfática quando julga, pela experiência clínica, que são os conflitos íntimos devido à estrutura do psiquismo em Id, Ego e Superego (cada instância com seus objetivos específicos),

que determinam as neuroses em certas constituições particulares. E isto independente de que haja ou não um ambiente salutar. É quando a desarmonia interna não pode ser evitada e se torna o ponto de partida para algum tipo de desenvolvimento patológico (A. Freud-1969)

Para compreender-se a criança é preciso que os pais, educadores e analistas interpretem os acontecimentos externos e deles induzam diferenças das experiências internas. Para início de interpretação as áreas de diferenças entre adultos e crianças no que concerne à mentalidade, devem ser apontadas o egocentrismo, a imaturidade da vida sexual, a relativa fraqueza dos processos secundários, a diferença de avaliação do tempo caracterizam a mente infantil e podem ser justamente as áreas que dificultam ao adulto interpretar certos comportamentos provenientes delas. Além disso têm-se os pontos de referência (não com rigidez cronológica), do desenvolvimento sexual pelas fases conhecidas em psicanálise: oral, anal, fálica, latência e genital. Assim também, como referência aos "drives" de agressividade, há uma certa correlação com as fases sexuais: morder, cuspir, devorar (oral); auto-torturas, bater, destruir (anal); impor, obrigar, forçar (fálica); desrespeito, crueldade mental (genital). As manifestações instintivas se sucedem com os estágios de formação do Ego, através do conhecimento de níveis de realidade, de defesas mais adequadas e de enriquecimento intelectual.

Identificação ao longo da linha de desenvolvimento

- No que concerne ao ponto básico para o aparecimento de identificações de diferentes tipos (defesas, motivo e conduta) existe a linha de desenvolvimento da dependên-

cia à auto-suficiência, segundo relações objetais diferenciadas, desde:

1. A unidade biológica do binômio mãe-infante, com o narcisismo materno estendendo-se até a criança e esta incluindo a mãe no seu meio interno narcisista. (Grifo nosso)
2. O objeto parcial, a relação anaclítica que é baseada nas necessidades corporais do infante e seus derivativos; este objeto parcial é intermitente e flutuante pois que a busca do objeto catético é feita sob impacto de urgência, não havendo busca quando a satisfação é atingida. (Grifo nosso)
3. O estágio de constância objetal, o qual possibilita uma imagem interna, ligado que seja à satisfação ou ao desprazer.
4. A relação ambivalente pré-edípica (fase anal-sádica).
5. A fase do objeto centrado completamente (fase fálico-edípica), caracterizada pela possessividade referente ao progenitor do sexo oposto; ciúmes e rivalidades com o do mesmo sexo. Nas meninas, uma relação fálico-edípica (masculina) com a mãe precedendo a relação edípica com o pai.
6. O período de latência, na fase post edípica, onde diminuem as exigências instintivas, a relação libidinal é transferida para outros elementos da comunidade.
7. A puberdade com suas revoltas, lutas internas, é caracterizada pela busca de novos objetos, recapitulação das fases anteriores, busca de novos valores (lutas com o Superego).

"Nos casos normais estabelece-se a supremacia genital com a catexis transferida para objetos do sexo oposto fora da família" (A. Freud-1969, pg.65).

A complexidade de A. Freud ao apresentar seus pontos de referências das relações objetais não invalida o entendimento do papel relevante da identificação através de todo período de desenvolvimento.

Na relativa noção de normalidade, deve haver uma correspondência entre crescimento e os pontos de referências, áreas de mentalidade e linha de desenvolvimento citados. Uma falta de harmonia, um exagero, uma demora numa fase nem sempre significa estar fora do normal, mas sim diferentes combinações ou tipos de normalidade. Até que um exagero acentuado de uma área e um prolongamento ou fixação excessiva numa fase revelam um caminho anormal, ou seja, uma direção para o terreno da patologia.

Relações Objetais e sua Patologia - No capítulo que versa sobre diferença entre sintomatologia manifesta e seus fatores patogênicos a autora chama atenção de que termos descritivos iguais nem sempre significam mesmo problema dinâmico. Por exemplo: fugir de casa. Pode ser devido a circunstâncias externas, maltratos, miséria, ameaça, etc.; como pode ser por motivos internos, tais: fugir para encontrar "algo" que se imagina - "running away toward the fulfillment of a fantasy".

Com referência à sintomatologia ligada à área de relações objetais, a expressão "ansiedade de separação" pode ter diferentes processos dinâmicos subjacentes quando, por qualquer motivo, separa-se um tenro bebê de sua mãe durante o período de unidade biológica. Isto acarreta uma interferência traumática em suas necessidades básicas; daí o surgimento de uma angústia mórbida que pode ser aliviada com o retorno à mãe ou à substituta desta,

mesmo que a longo prazo.

Em outros casos, o sintoma "ansiedade de separação" tem sentido bem diverso. Por exemplo, crianças maiores com fobia à escola, ou com uma saudade enorme quando fora de casa. A experiência clínica revela que nestes casos os motivos subjacentes são de origem conflitiva devido à ambivalência das crianças com relação aos objetos familiares; só toleram a luta ódio-amor na presença asseguradora dos pais. O retorno ao lar não resolve a ansiedade totalmente. É preciso uma visão e orientação analíticas adequadas. As crianças sofrem de muitas espécies de angústia por diferentes motivos ao longo do desenvolvimento: retardamento da satisfação das necessidades, separação dos objetos de amor, ciúmes, rivalidades, etc. Estes sofrimentos são reações emocionais legítimas no período de formação. Mesmo a mais normal das crianças pode sentir-se muito infeliz, por alguns momentos, cada dia. Eis porque ainda nos referindo à patologia das relações objetais, a experiência clínica mostra que infantes ou meninos maiores muito "bonzinhos", que aceitam sem protesto condições desfavoráveis devem ser, de algum modo, prejudicados organicamente ou defeituosos em seu desenvolvimento do Ego ou extremamente passivos na sua parte instintiva. E repare-se bem:

"crianças que se separam muito facilmente de seus pais, assim o fazem porque falharam em formar um relacionamento normal quer seja por razões externas ou internas. Não sentir angústia quando existe ameaça da perda de amor não é sinal de saúde nem de força do Ego na criança. Ao contrário, isto vem a ser o primeiro sinal de afastamento autístico dos objetos do mundo. Em períodos posteriores da puerícia, sentimentos de culpa e conflitos interiores com suas resultantes ansiedades também existi-

rão normalmente e são sinais indispensáveis de um desenvolvimento progressivo bom. Quando os sinais são ausentes suspeitar-se-á de retardamento grave nos processos de introjeção, internalização e identificação, ou seja, retardamento na própria estrutura da personalidade" (A.Freud-1969, pg.122).

É ainda procedente anotar, sobre o assunto de sintoma manifesto e seu significado dinâmico, um exemplo relacionado com identificação. As cenas de choro e raiva, "temper tantrums" e outras ações irracionais devem ser verificadas se são provenientes de um grau insuportável de frustração "externa ou interna" ou se apenas repetem, quando sob o mínimo incidente negativo, o padrão de comportamento oferecido pelos familiares, um pai irascível, alcoólatra ou a mãe agressiva descontrolada, etc. Nisto se verá um acesso de raiva por identificação (conduta) tipo imitativo. (A.Freud-1969, pg.139)

De outras vezes as cenas referidas são resultantes não mais da assimilação de conduta de modelos, mas oriundas de conflitos internos que precedem a uma identificação defensiva.

Princípio de prazer ligado à identificação anaclítica - Os recém-nascidos e os infantes não têm como escolher a maneira pela qual devem ser atendidos. Embora o princípio de prazer seja sua lei interna terá que ser implementada de fora pela mãe ou substituta que satisfará ou não suas necessidades básicas. A mãe será o legislador externo além de ser o primeiro objeto libidinal de quem dependerá; e assim tem-se a identificação anaclítica.

As primeiras satisfações e lutas advirão do intercâmbio entre o binômio. O infante experimenta o regime

que lhe é imposto amigavelmente ou hostilmente de acordo com sua sensibilidade para com o princípio de prazer, o qual sua mãe manipula como deseja. A mãe terá, havendo ou tras condições satisfatórias, a primeira chance de preparar uma criança saudável e prazerosa ou então hostil, difícil, talvez até neurótica. Uma das coisas imprescindíveis nesta fase inicial da vida é a companhia; é tão importante quanto a necessidade de alimento, sono e eliminação.

"Verifica-se como necessidade primitiva da criança o ter contato íntimo e caloroso com o corpo de outra pessoa enquanto está tentando dormir. Isto, entretanto, é contra as regras de higiene as quais determinam que bebês e crianças devem dormir a sós e não usarem a cama dos pais... Desta e de outras maneiras a necessidade biológica do infante de ter à vista e de modo constante, a presença do adulto que o cuida é desprezada em nossa cultura ocidental; as crianças são expostas a longas horas de solidão, devendo-se isto ao preconceito de que é saudável para ela dormir, descansar e depois brincar só. Esta negligência quanto à necessidade natural de aconchego e presença cria o primeiro obstáculo para o funcionamento tranquilo dos processos instintivos serem satisfeitos" (A. Freud-1969, pgs. 155-6).

Princípio da Realidade - Socialização e Identificação - O princípio de realidade vai pouco a pouco substituindo o predominante princípio do prazer dos primeiros tempos de vida. Ambos são considerados leis internas válidas em períodos, áreas e objetivos específicos da personalidade em formação. O princípio de realidade governa todos os ângulos normais do Ego, do fim da infância em diante. Eles, em si mesmo, não significam valores morais ou sociais. Como tudo, porém, que é relacionado com as instâncias psíquicas têm consequência no comportamento social e moral, torna-se impossível falar de ambos sem

mostrar as suas implicações na socialização. Funcionar predominantemente, de acordo com o princípio de prazer significa impor exigências instintivas de modo indiscriminado, qualquer que seja a situação externa; há pois uma ligação com o comportamento irresponsável. Enquanto que funcionar de acordo com o princípio de realidade significa restringir, modificar, retardar satisfações atendendo a interesses de segurança própria e evitando-se conflitos externos. Este princípio está ligado ao comportamento adaptado, pelo menos aparentemente. Acrescentamos que o princípio de realidade vai sendo obtido quando dentro do tolerável a mãe legisladora satisfaz alguns "drives" após demanda e pequena espera, construindo as chamadas "frustrações ótimas" que permitem a organização do Ego no que concerne o desenvolver engramas (memórias) partindo das alucinações. (Heinz Kohut e Phillip D. Seitz, pg.127)²⁴

Daí por diante as funções do Ego vão se desenvolver do através os traços mnêmicos: guardam-se e discriminam-se sensações, percepções, a fala é adquirida e vêm as formas superiores de pensamento. Os progressos da formação do Ego, pelo aparecimento das suas funções, vão aumentando o âmbito do princípio de realidade, o qual, também, se torna mais firme com a ajuda dos mecanismos mentais baseados nas ligações objetais da criança em seu ambiente. São estes: imitação, identificação e projeção. Vê-se que aqui A. Freud nos traz três tipos de identificação com nomes expressivos.

A imitação de atitude dos pais seria o mais primitivo entre os mecanismos identificatórios; por este a criança, ao alertar-se sobre o que sente e passa no mundo,

procura dominá-lo como fazem os que lhe cuidam. Estes a-
parecem como figuras admiráveis e poderosas, capazes que
são de controlarem o fluxo de suas satisfações através
de regras misteriosas para ela.

A identificação segue-se à imitação (que é mais de
gestos, maneiras externas), tem por conteúdo o desejo de
apropriar-se dos aspectos desejáveis dos pais, de manei-
ra permanente; para tal procura modificar o seu eu (self)
segundo a imagem dos pais ou de um só deles; isto confor-
me idealiza o modelo familiar. É quando os ideais soci-
ais dos pais são internalizados, preparando o estabeleci-
mento futuro do Superego. Vem em seguida a introjeção da
autoridade externa durante e depois do período edípico.
É este o modo propriamente dito da formação do Superego
que vai controlar o sistema de "drives" internamente. I-
to provocará um sentimento de auto-estima quando o Ego é
congruente com os ditames da nova instância, e um senti-
mento de culpa quando há rebelião do Ego. (Aqui é inte-
ressante rever o que foi resumido sobre a identificação
com o agressor.) Assim fica bastante evidenciado que o
grande progresso voltado para aceitação e internalização
das normas sociais é devido aos liames com os pais, os
seus primeiros representantes. É preciso lembrar, toda-
via, que mesmo durante a interação máxima com efeitos de
socialização a luta da criança para satisfazer seus ins-
tintos é imperiosa.

Outros mecanismos do Ego preservarão, como já se
viu, o eu integrado, fazendo com que parte da energia li-
bidinal seja reprimida, sublimada, projetada, etc. Todos
os mecanismos de defesa servem simultaneamente para a
restrição interna e adaptação externa dependendo da ida-

de, intensidade, equilíbrio entre eles e da reversibilidade. Os processos aludidos que antes, durante o Complexo de Édipo e depois dele têm efeito na internalização dos padrões parentais são preparatórios para outros tipos de identificações; entretanto, eles não asseguram com certeza uma futura adaptação à comunidade adulta e, antes disso, à comunidade escolar. Pois enquanto o lar pode e deve ser favorável, isto é, suprir as necessidades e ser compreensivo com as peculiaridades pessoais do jovem indivíduo, a escola é instituição impessoal e poderá pôr em risco um ajustamento muito sob medida de certas crianças "diferentes". Se há possibilidade de a instituição escola ser representada, de início, por quem o jovem admira e pode tornar-se objeto catético e de identificação, tudo irá melhor para a sociabilidade do educando, quer seja ele um tipo comum ou diferente. Em resumo, uma criança bem ajustada no meio familiar nem sempre o será na escola e vice-versa. E estes ajustamentos entram como variáveis no cômputo geral da socialização do adulto. Ver-se-á que as leis comunitárias das diferentes sociedades que prevalecem para os grupos de vários adultos, constituem um conjunto de normas completamente impessoais. Neste ponto o indivíduo-cidadão não mais internaliza, como na infância, os códigos. De acordo, porém, com o seu Superego terá uma atitude de cumprimento ou não cumprimento do que a "lei" determina para ocasiões específicas. E a sociedade, em troca, quando há desobediência, sem qualquer consideração por diferenças individuais, punirá o transgressor. Só terá "compreensão legal" para os indivíduos com laudos legais de debilidade e/ou insanidade mentais.

Falência da Socialização pela incapacidade de identificação - Múltiplos fatores contribuem para que se estabeleça a socialização, como se viu. Por conseguinte, quando um ou vários fatores são prejudicados ou omissos provocam desordens e incapacidade de socialização. Vimos que a atitude dos familiares, de um lado, e as influências internas, de outro, alternam-se em progressos e regressos no caminho da socialização. Assim, se por alguma razão o Ego falha em seu desenvolvimento, apesar de ser rodeado por um mundo interno satisfatório, o indivíduo não atingirá o desejável e mínimo ponto de adaptação social; provavelmente será tachado de delinquente ou criminoso. Acontece que em muitos casos são as funções do Ego que são deficientes. Os indivíduos apresentam debilidade mental, são retardados de diferentes níveis ou portadores de outras incapacidades orgânicas evidentes. Também o fator quantitativo das instâncias psíquicas é de grande valor no que concerne a obter, cada uma, um relativo equilíbrio para uma harmonia global. Pois, quando há intensidade exagerada em um dos componentes Id, Ego e Superego, há desequilíbrio; o que representa aparecimento de desajustamento, neuroses e sintomas psicóticos, em grau menor ou maior, e que são incapacitantes para identificações naturais e daí dificuldades para a socialização desejável. Repare-se, porém, que outros tantos casos de dissociabilidade e criminalidade são de indivíduos que trazem, como fator preponderante para tais comportamentos, a assimilação dos sintomas de pais mórbidos, ou seja, através de identificação normal com os objetos parentais.

Homossexualidade - É um dos distúrbios sexuais mais

focalizados da espécie humana e sobre o qual não há um acordo a respeito de casualidade mesmo dentro da escola psicanalítica, a primeira que, através do seu fundador, apresentou extensas análises sobre a matéria.

Começa a dificuldade da questão pela incerteza de quando, em que idade usar o termo como diagnóstico. Pois que ao longo da linha do desenvolvimento normal existem inúmeras manifestações homossexuais. É difícil, por conseguinte, predizer a homossexualidade definitiva conectando simpliasticamente estas expressões normais da infância com um futuro de conduta sexual invertida. É ponto pacífico, entretanto, que o problema inicial e elicitante de semelhante conduta está ligado à questão de "escolha de objeto" que por sua vez implica com diferentes tipos de identificação.

Uma das proposições básicas da Psicanálise é considerar que as crianças de ambos os sexos têm ligações libidinais com objetos de ambos os sexos. Ganhando em idade, diferencia-se o objeto de ligação, de acordo com certas necessidades. Assim, os infantes ligam-se ao objeto pela função supridora no sentido total, físico e psíquico. Este objeto é comumente a mãe, e daí a identificação anaclítica. Mais tarde haverá conexão catética com o ente, símbolo da autoridade, punidor, mais comumente o pai, e temos a identificação com o agressor.

Para o desenvolvimento sexual, as satisfações dos componentes pré-genitais depende não do sexo do objeto, mas de suas qualidades e atitudes. Assim, a criança não é nem somente homossexual nem heterossexual, é ambas as coisas. Somente na fase fálica o sexo do objeto torna-se

importante devido à supervalorização fálica que induz as crianças de ambos os sexos a procurarem objeto de sexo masculino-pai, irmão, companheiros - ("evitação de objetos castrados").

Com o Complexo de Édipo, que é baseado na aceitação, por parte da criança, da diferença entre os sexos, há possibilidade de uma escolha possivelmente heterossexual. Mas tanto o Complexo de Édipo positivo como o negativo são ocorrências normais no desenvolvimento. Daí, as manifestações sexuais decorrentes são inconclusivas para falar de patologia.

O período de latência pode continuar alguma ligação anterior ao complexo edípico, especialmente em crianças neuróticas; mas, de um modo geral, há diminuição de interesses sexuais, e a libido varia para outros objetos não familiares.

Deixando um pouco a linguagem psicanalítica, A. Freud fala como os psicólogos sociais ao declarar que a partir da primeira fase infantil serão as personalidades dos pais, o sucesso ou falência deles nos respectivos papéis, que vão deixar sua marca para o futuro papel sexual da prole, via identificação. (A. Freud-1969, pg.188) No período de latência prevalece o relacionamento com professores que são estimados, admirados ou antipatizados e rejeitados, não porque sejam homens ou mulheres mas sim conforme sejam, respectivamente, apreciativos, bondosos e estimulantes ou sejam impacientes, intolerantes e ansiosos. Também na latência, tanto mais se aprecia a companhia e amizade de contemporâneos do mesmo sexo (o que será, isoladamente considerada, atitude homossexual), pare

de caracterizar uma futura heterossexualidade. Chamamos atenção que esta conexão com contemporâneos é baseada em identificação de companheirismo, por igualdade de interesses e que pode incluir igualdade de sexo; não há, pois, relacionamento como objeto de amor.

Na adolescência ocorrerão episódios homossexuais claros, mais ou menos regularmente, intercalados com experiências heterossexuais sem que, contudo, ambos os tipos de ligações ajudem a um prognóstico definitivo.

Ocorre, como já foi descrito, que na puberdade se passa uma recapitulação de fases pré-genitais em que a escolha do objeto é indiscriminada, incluindo-se nisto a regressão narcisista. Neste ponto explica-se: houve a escolha do objeto do mesmo sexo para fim sexual, uma atitude homossexual evidente mas, metapsicologicamente, isto foi mais um fenômeno narcisista (pois indica a regressão na adolescência pela escolha de objeto à imagem de si próprio), do que um fenômeno que prognostica em definitivo uma escolha de conduta homossexual.

Pelos pontos destacados fica evidente o que foi dito desde o início. Vários liames afetivos tidos como normais no desenvolvimento têm teor homossexual, mas nenhum prediz um comportamento constante deste tipo. Por outro lado, a história de todo homossexual adulto aponta um tipo de dependência exagerada com um dos pais, ou de hostilidade exagerada com um deles. O que se sabe ao certo, além deste problema básico de identificação, quer positiva em grau exagerado, ou ao contrário, é que nenhum acontecimento isolado pode elicitar a fixação neste tipo de conduta homossexual, mas sim uma confluência de fatores

internos, externos, qualitativos e quantitativos. Inclui-se nesta confluência de fatores o fato de que até na adolescência, e além dela, impedindo um final correto de sexualidade, pode acontecer eventos fortuitos de sedução, interesses por ganhos, impossibilidade em obter objeto heterossexual, etc., que invalida em parte tentativas de incriminar-se sempre com muita ênfase, problemas identificatórios como causa deste distúrbio. (A.Freud-1969,pg. 194).

O travestismo é uma das demonstrações de tendências homossexuais comuns sobretudo em crianças do sexo feminino. Nos meninos, o desejo manifesto de ser uma menina, por vários motivos internos e externos, é um acontecimento quase sempre perturbador. Um motivo íntimo pelo qual pode aparecer o travestismo é a preservação da primeira ligação libidinal (com a mãe) - um não desejo de perda de objeto faz com que estabeleça uma identificação parcial com ela. (Idem, pg.205) Note-se, porém, que os diferentes motivos que induzem ao travestismo, inclusive o que foi apontado, são superáveis através do desenvolvimento. O travestismo adulto que vem sempre acompanhado de outros componentes homossexuais é que é considerado uma inversão sexual definitiva, com causalidade variada e complexa, conforme já nos referimos ao falar de homossexualidade em geral.

A dependência de drogas é identificação anaclítica, como se sabe; é um dos vícios mais comuns da espécie humana. A.Freud diz que o mesmo "craving" por doce que têm muitas crianças, tornando a satisfação deste desejo um consolo nos conflitos, frustrações e ansiedades, parece com o impulso que leva o indivíduo adulto a procurar com

pensações e satisfação por meio de drogas. No que concerne aos motivos de comportamentos parecidos, pode-se dizer que no adulto o "craving" tem componentes mais complexos e que muitas vezes não tem comparação com a busca de açúcar e de outras substâncias na infância. Um desses motivos da adicção juvenil e do adulto pode ser a herança constitucional como também pode ser um motivo inerente a um tipo particular de relacionamento de objeto, no passado, que tenha oferecido sustento e conforto; daí, a fixação da oralidade e da identificação anaclítica através de uma oralidade confortante mas que sabe ser, ao mesmo tempo, perigosa ao organismo.

Critérios psicanalíticos nos tratamentos infantis, de adultos e identificação - Falando sobre critérios da Psicanálise no tratamento das neuroses e outros distúrbios, quer em crianças quer em adultos, A. Freud põe em destaque vários pontos, dos quais citaremos:

- que os efeitos da Psicanálise consistem na modificação intrapsíquica entre as forças do Id, Ego e Superego, e tolerância recíproca para com os objetivos de cada;
- que se supõe serem os conflitos intrapsíquicos as causas primordiais dos vários distúrbios da espécie humana;
- que no caso de crianças os fatores externos são também muito importantes, não só pelas figuras dos pais que podem ajudar a criança a obter o equilíbrio e auto-compreensão, como também porque podem modificar circunstâncias traumatizantes que são muitas vezes fatores desencadeantes e agravadores de um determinado conflito interno;

- que a impossibilidade da criança fazer introspecção faz com que relute considerar-se como a própria causa dos seus sofrimentos mentais: não compreende o conflito no seu mundo interno. E externaliza suas tendências para com o psicanalista por um comportamento típico. Daí a resistência ou a transferência positiva; mas

"será através de identificação com um adulto leal (o analista) e em aliança com ele que a relutância em reconhecer a origem conflitiva vai diminuindo, e assim vai poder ter uma visão mais verdadeira do seu mundo interior" (A.Freud-1969, pg.224);

- que as atitudes do Ego são modificáveis quando são dadas oportunidades para identificação e quando a pressão do Superego diminui pelo ensejo de externalização conveniente.

Por conseguinte, as possibilidades para intervenções benéficas no campo de desenvolvimento são quase tão ilimitadas quanto as oportunidades de intervenções maléficas, umas e outras resultando em inúmeros tipos de normalidade ou em variações de anormalidades, respectivamente. (Idem, pg.233)

3.1.2 René Spitz - relações objetais

René A. Spitz é um psicanalista vienense que apresenta uma formação científica vasta e profunda. Ao exercer o magistério em Paris, deu um curso sobre Psicologia Infantil e sentiu a lacuna da Psicanálise, "que não dispunha, para as suas posições teóricas, mais do que extrapolações da análise do adulto ou da análise de criança crescida. Falávamos de estádios pré-verbais sem conhecimento de causa" (Citado por W.Kemper-1960). Desde então,

em Viena, junto a Karl e Charlotte Buhler, e depois nos Estados Unidos, dedicou-se inteiramente à pesquisa no campo do desenvolvimento com os métodos e recursos mais refinados que encontrou e criou, o que o fez um especialista notável, respeitado entre os psicanalistas e não psicanalistas da infância, muito embora haja sempre controvérsias sobre os temas que estudou, até os nossos dias.

Estudamos Spitz justamente porque ele procurou validar vários construtos freudianos, experimentalmente ou objetivamente, e assim reconstruiu por meio de observação sistemática o desenvolvimento psíquico da criança segundo a linha psicanalítica ou, como ele próprio diz, "utilizando as idéias emitidas na obra de S. Freud, 'Três Ensaios Sobre Teoria da Sexualidade'". Sintetizaremos seu pensamento naquilo que interessa ao estudo da identificação, através de três dentre os seus melhores trabalhos: "Desenvolvimento Emocional do Recém-nascido" (1954)²⁵, "Não e Sim" (1957)²⁶ e "A Formação do Ego" (1959)²⁷. Neles estão contidas suas principais contribuições à Psicologia que, a propósito, são relacionadas com a identificação.

1) Formação do objeto libidinal

No "Desenvolvimento Emocional do Recém-nascido", aponta o que é sobejamente reconhecido por todos os estudiosos: a extrema incapacidade do lactente, e por isto sua dependência à mãe, para sobreviver, mas acrescenta que isto forma o núcleo de relações objetais futuras pela necessidade de laço afetivo. Enfatiza, de início, sua posição definitiva sobre a não existência do Ego no momento e ainda por algum tempo após o nascimento:

"...abstenho-me, fuço questão de frisar, de considerar toda e qualquer hipótese sobre a presença de processos intrapsíquicos, que poderiam atuar na criança desde o nascimento. Segundo o conceito de Freud, unanimemente confirmado por observações e experiências feitas por todos que se dedicam ao estudo do recém-nascido, o pensamento não existe assim que a criança nasce. O recém-nascido apresenta-se em estado indiferenciado".

"...todas as suas funções, incluindo os instintos, irão diferenciar-se a seguir por um processo que terá sua origem, seja na maturação, seja no desenvolvimento". (R.Spitz-1954)

Ainda no decorrer do primeiro ano os mecanismos de defesa são inexistentes. Somente os precursores de certos mecanismos são entrevistados sob uma forma mais fisiológica do que propriamente psicológica. São os protótipos fisiológicos sobre os quais o psiquismo erigirá posteriormente um edifício bem diferenciado.

Quanto a relações objetais, importantes para o presente estudo, Spitz é explícito em reafirmar que o conceito de relações objetais pressupõe um sujeito e objeto, mas que o recém-nascido, em estado de não diferenciação, é o sujeito que não funciona psiquicamente; logo, não poderá de início haver relações objetais e objeto. Este irá desenvolver-se progressivamente no decorrer do primeiro ano. Com referência ao assunto, tem-se três estados:

- a) período pré-objetal;
- b) período do objeto precursor;
- c) período objetal propriamente dito.

a) O período pré-objetal inclui o chamado narcisismo primário, quando não há diferenciação; o infante não distingue ele mesmo do ambiente que o cerca e por isto percebe o seio como parte de si mesmo. Toda a percepção

vem do sistema interoceptor. Não há prazer, há quietude correspondendo ao princípio de "Nirvana", isto é, a tendência a reduzir tensões. O desprazer é o único afeto existente quando há certas sensações provenientes de necessidades e disfunções internas e de estímulos externos que ultrapassam certos limites. Neste período pré-objetal, do segundo mês em diante há um fato importante para o futuro conhecimento do objeto: o ser humano toma o seu lugar entre as coisas do ambiente do infante. Ele vê o rosto, e quando está com fome movimenta os lábios ao ver o adulto; fixa os olhos no rosto da mãe ao mamar. O rosto vem a ser o estímulo constante em diversas outras manipulações. Por isto será o rosto que se transformará em primeiro lugar num traço mnemônico. Torna-se sinal, e o lactente seguirá com os olhos o momento deste sinal.

b) O período do objeto precursor - Neste período a visão do rosto humano se forma e se destaca entre tudo mais no ambiente de tal maneira que fica sendo o sinal predominante. Isto se confirma pelo que fica denominado "sinal gestáltico", a "resposta-sorriso" do bebê de três meses ao se defrontar com rosto, desde que apresentado de frente, com um certo movimento, rindo ou falando. Note-se que a resposta-sorriso não é só à mãe, mas a qualquer rosto, mesmo a uma máscara que apresente nitidamente o conjunto: olhos, nariz e boca. É por estas características que é um sinal gestáltico - de percepção -, um objeto precursor, não ainda o objeto propriamente dito com envolvimento catético especial.

É lógico, entretanto, que na nossa cultura, de modo predominante, será a mãe ou substituta que ensejará este sinal gestáltico, facilitando outras vias de progresso

afetivo e perceptivo. Para tanto inclui-se o suprimento alimentar, os estímulos táteis, auditivos, que interligados à visão vão fazer do rosto materno um fator externo extremamente significativo, preparando o futuro reconhecimento global da mãe como ser que ama. Não é demais salientar o papel da mãe ou substituta que desde o início facilita todo este progresso, simplesmente sendo mãe afetiva e dedicada. É nesta relação mãe e filho que a mãe representa o fator ambiental. Levando-se em consideração o patrimônio congênito, a maturação orgânica do filho, temos que os "dois fatores em interação consistem em uma mãe com a individualidade formada e um filho com uma individualidade em formação". Spitz coloca neste período, pelos sinais apresentados, o início da percepção exterior, o estabelecimento dos traços de memória consciente e por conseguinte uma divisão do psiquismo emergente em Id, de uma parte, e pré-consciente de outra; conseqüentemente surge o Ego rudimentar. À parte deste Ego rudimentar, aparece concomitantemente o princípio de realidade no mundo do infante. Por isto tudo, este sinal gestáltico relevante indica um dos organizadores do psiquismo. Indica um período crítico, particularmente vulnerável, durante o qual qualquer traumatismo terá conseqüências profundas.

Spitz ainda acentua que nestes dois períodos, pré-objetal e do objeto precursor, fica estabelecido entre os componentes do binômio mãe-filho um tipo de comunicação pré-verbal. É uma captação recíproca por percepção cenestésica com respostas globais viscerais por parte do bebê, e atendimento pronto adequado por parte da mãe sem que haja grande elaboração consciente. (R.Spitz - 1959)

É um sistema de comunicação que na sua maior parte é agradável ao lactente e que, exercendo pressão constante, vai modelando o psiquismo infantil de modo imperceptível, fomenta o surgimento do objeto libidinal propriamente dito e marca os indícios identificatórios com outro ser humano. (R.Spitz-1957)

c) O período do objeto propriamente dito - Culmina entre o sexto e o oitavo mês; é preconizado pelo que Spitz chama angústia do oitavo mês. Esta é precedida de diferentes manifestações afetivas, a mais notável, prazerosa e típica que é o sorriso a partir do terceiro mês, quando o infante vê o rosto humano, e o choro quando este se afasta. Ao sexto mês as respostas de prazer e desprazer são mais específicas e em maior número. Ambas fundamentais para o progresso infantil e para uma percepção diacrítica do mundo exterior. As manifestações de desprazer vão se transformando pouco a pouco numa espécie de código de comunicação e se tornam "apelos" (tipos de choro e gestos que vão ajudar à assimilação dos sinais semânticos). Nota-se uma grande transformação quanto ao sinal rosto. Ele não responde mais com um sorriso a qualquer rosto. Discrimina entre o rosto amigo e o estranho. E mais, ao chorar, só a presença materna o consola. Frente ao estranho ele apresenta movimentos de fuga, expressão de medo, embora não tenha tido experiências desagradáveis com adultos. Se não há um medo condicionada o que poderá levar a criança ao sofrimento? É simplesmente a angústia verdadeira que surge:

"Quando uma pessoa estranha se aproxima da criança, ela fica decepcionada no desejo de rever a mãe. É a angústia que ela manifesta não é uma reação à memória de uma experiência desagradável com um des-

conhecido, mas uma percepção intrapsíquica de não identidade do estranho com a mãe... A criança indica por este funcionamento de traços de memória que formou uma relação objetal verdadeira, que a mãe tornou-se seu objeto libidinal". (R.Spitz-1954)

Assim, analogamente ao que acontece no terceiro mês com o "gestalt sinal", o reconhecimento do rosto humano indica outra etapa de grande progresso. Confronto de rostos é feito através da memória do rosto materno, o qual ocupa um lugar único entre muitos, não só por causa de uma percepção ótica constante mas porque existe um envolvimento afetivo que se aprofunda e engloba toda a presença materna. Há aquisição de uma nova função do eu, o julgamento. Temos assim o 2º organizador do psiquismo e um novo período fértil de aquisição diacrítica ou do sistema secundário. Acrescente-se aqui o fato de, estabelecido o objeto propriamente dito, os mecanismos mentais entram em função do mesmo modo que no adulto.

E as nuances nas atitudes afetivas vão sendo observadas, tais como ciúme, cólera, inveja, possessividade, etc.

Spitz menciona que um dos mecanismos de defesa que se torna mais preciso é o da identificação. Nos períodos anteriores já se notava o precursor do mecanismo sob forma de imitações rudimentares, imprecisas, e assim como a percepção, a imitação era global. Depois do oitavo mês, dependendo do ambiente afetivo e da promoção materna e paterna, a criança se comprazera com os jogos de imitação especial do que o adulto faz, de modo acessível. Do mesmo modo, parte da potencialidade para a vocalização e a linguagem se desenvolverá pela imitação.

Ao que tudo indica, o autor ora iguala os significados de imitação e identificação, ora diferencia-os, colocando a imitação como precedente e iniciando a identificação propriamente dita. A nosso ver, o que ele quer dizer realmente é que os processos podem estar presentes concomitantemente, ou separados, dependendo da maturidade da criança e da interação com o ambiente.

3º organizador psíquico - É um dos pontos máximos da obra de Spitz incluso em sua obra "Não e Sim". Ao instalarse o segundo organizador bem firme na criança, simultaneamente, o progresso motor é grande e ela começa a marcha. Este fato vai acarretar grande número de advertências e proibições da mãe ou representante que a criança compreenderá antes de falar. Com esse acréscimo de verbalização por parte da mãe, surgem modificações nas relações objetais. A criança se torna mais ativa, e ao mesmo tempo que busca independência imita cada vez mais e melhor. Entre os quinze e dezoito meses, um dos gestos que a criança imita, e que é para Spitz de maior relevância, é o movimento denegatório acompanhado da palavra não; a palavra e o movimento da cabeça estão imbuídos da noção de proibição que vem da mãe, objeto libidinal. Essa movimentação se torna para a criança um símbolo, o último vestígio da ação frustrante materna. Guardará para sempre esse gesto. Aqui, o que vale não é só a imitação do gesto denegatório, mas o significado semântico da palavra não; mais que palavras globais abrangendo algo concreto, o "não" representa um conceito, a negação. É pois o primeiro conceito abstrato que perdurará na vida infantil; jamais seria pura imitação. A Psicanálise, pelos seus processos dinâmicos, explica esta aquisição de ma-

neira mais completa que as teorias da aprendizagem e da gestalt. É quando Spitz lembra A. Freud, e diz que o "não" representa a identificação com o agressor em crianças menores que as exemplificadas por A. Freud. Trata-se aqui de crianças de quinze meses quando ainda não existe a instância Superego formada. O agressor é mais um elemento frustrador, havendo entre frustrador e agressor diferença apenas de grau. O dinamismo mediante o qual o não seria adquirido é quando o objeto libidinal é o próprio frustrador, o que provoca desgosto na criança. O objeto libidinal faz sempre no ato o gesto denegatório e diz não; ambos elementos são incorporados ao Ego da criança sob forma de traço mnemônico. Observa do adulto o gesto, a palavra e interpreta o sentido do adulto de maneira global que será um afeto proibitivo: "Não estás por mim, portanto estás contra mim". (Spitz-1957)

"Este afeto 'contra', junto com o gesto, será adotado na identificação com o agressor quando o menino experimenta desgosto por causa de exigências de adulto. Será esta a manifestação agressiva, absorvida do agressor, que a criança descarregará no mundo exterior para manifestar seu desprazer; agora o seu desgosto pode ser expresso sem ação (choro, briga, gritos), mas mediante esta autonomia recém adquirida, dizendo 'não', e assim começa a discussão e um bom período de teimosia".

Spitz empresta tão grande valor a esta aquisição, que a indica como 3º organizador do psiquismo, aquele que marcará algo específico da humanidade: a comunicação por símbolos semânticos. Fez, por isso, um longo e profundo estudo sobre a origem filogenética do gesto rotativo da cabeça, uma vez que este é encontrado na maioria

das culturas existentes. Ontogeneticamente, podem-se verificar três fases em que a criança faz rotação da cabeça com diferentes fins: 1) ao nascer, o "rooting", que seria o protótipo do movimento em estudo, mas como conduta afirmativa de busca do mamilo para sugar; 2) aos seis meses, evitando-o; 3) finalmente aos quinze meses, em pleno progresso motriz, o gesto denegatório significando "não". As duas primeiras fases são em plano primário, e a última em plano secundário, ou seja, voluntário. O gesto de inclinação da cabeça para significar o "sim", também amplamente estudado por Spitz, não tem para este a primazia do "não", assim como acha que é pouco provável que o "sim" venha da identificação com o agressor, conforme demonstra com a palavra e o gesto "não".

2) Anomalias das relações objetais

Outro aspecto dos estudos e pesquisas de Spitz sobre a criança, de grande conexão com o nosso tema, é quando ele focaliza os desvios das relações objetais. Parte da idéia, tirada de observações sistemáticas, de que haverá progresso constante no desenvolvimento infantil, tendo a criança nascido saudável, quando a mãe tem atitude maternal "normal", isto é, seja afetiva e cuidadosa com o filho. A relação "normal" deve satisfazer tanto à mãe como ao bebê. Explica-se isto melhor quando se analisa a diferença entre os parceiros e se assinalam os processos identificatórios recíprocos esboçados. A mãe normal é aquela que se sente gratificada no seu Id, Ego e Superego face ao fato de ver o filho, cuidá-lo. Obtém uma satisfação narcisista e também uma satisfação objetal. Enquanto o infante, por sua incompetência, é passivo e obtém gratificação à medida em que suas necessidades são atendi-

das; é o que faz estabelecer uma relação de identificação anaclítica. Pode-se dizer que as relações objetais normais são aquelas que se completam, com identificações recíprocas, de tal modo que a maneira de satisfazer especificamente um dos parceiros traz satisfação para o outro. Mas os desvios do normal são inúmeros. A mãe, como elemento ativo, pode ser super ou sub protetora, variável em extremo em suas atitudes afetivas. Tudo isto acarretará relações objetais impróprias, insuficientes ou não existentes. Destas relações patológicas, a probabilidade certa é o surgimento de crianças doentias, que talvez não alcancem maturidade e até mesmo a sobrevivência.

Spitz fez pesquisas meticolosas: recolheu amostragem homogênea, afastou os variáveis defeitos congênitos e doenças intercorrentes do lactente, observando sistematicamente a dupla mãe-filho, como também acompanhou, por período determinado, um número significativo de crianças internadas.

A nosso ver, ele utilizou bem a concepção moderna da medicina psicossomática: se males físicos comuns nos adultos são provados, hoje em dia, serem de origem psíquica, imagine-se a criança nos seus primeiros dias, em que a diferenciação somato-psíquica ainda é mais do que tênue. E o que não advirá dos traumatismos emocionais, ausência de amparo, tensão, etc., quando ela ainda só reage cenestésicamente como um todo?

Acontece que o infante vai baixando sua resistência para muitos tipos de doenças e apresentando retardo no desenvolvimento.

As relações mãe e filho que provocam tais enfraque-

cimentos globais na criança são de dois tipos: qualitativo e quantitativo.

As tidas como qualitativamente prejudiciais vêm de relações do binômio deformadas, incompletas, e as tidas como quantitativamente prejudiciais vêm de relações insuficientes ou não existentes.

No primeiro caso, é a personalidade da mãe atuante, porém, de maneira insólita: sendo hostil, ou rejeitante, ou superansiosa, ou de humor variável que acarreta para o lactente relações prejudiciais. Estes comportamentos insólitos agem como "toxinas psíquicas" que geram as perturbações "Psico-tóxicas". No segundo caso, as relações objetais insuficientes são as dos lactentes privados de mãe ou substituta adequada. Eles sobrevivem tristemente, embora tenham nutrição suficiente. Tudo indica que lhes falta algo de muito necessário para continuarem a viver. De fato, há carência de envolvimento afetivo, de provisões libidinais. Daí a designação do autor para as manifestações doentias desses lactentes: "perturbações por carência emocional", que podem ser totais ou parciais.

As subdivisões das perturbações psicotóxicas e por "carência emocional" constituem assunto pertencente ao presente estudo: são os distúrbios, nos primórdios das relações objetais, das identificações arcaicas que influirão nas identificações secundárias. Assim sendo, registramos o essencial sobre as mais significativas.

1. Nas rejeições primárias, passiva e ativa, a mãe, por diferentes motivos, não aceita a maternidade. Quando a criança é recém-nascida ainda, a atitude rígida, fria e o tratamento de coisa que lhe é dado parece que deses-

timula a sucção, o que faz o bebê entrar em extrema fraqueza, em estado comatoso até. Na rejeição ativa em que a mãe nega até o leite, o lactente já mais crescido apresenta um quadro de vômitos, diarreia, e finalmente pode desidratar-se. Ambos os casos implicam em danos no processo da oralidade, do narcisismo arcaico, tão necessários para a organização psíquica do indivíduo, dependentes que são do ambiente representado pela mãe.

2. Na solicitude ansiosa primária, apresentada pela mãe no primeiro trimestre de vida da criança, o excesso de atendimento e mimo a esta, incluindo-se também a alimentação por "self demand", trazem consequências conhecidas como as cólicas dos três meses. Tudo indica que o lactente acostuma-se com a complacência somática, exigindo sempre mais através da descarga oral. É geralmente super-alimentado, o que traz um mal funcionamento gástrico-intestinal, e daí cólicas como efeito. Por isto chora, grita, e é novamente alimentado; passa a tensão, mas logo depois voltam as cólicas. Um ciclo vicioso se instala. No fim de três meses as cólicas passam sem tratamento especial. Muitos médicos observadores desse síndrome pediátrico verificaram que certos bebês são hipertônicos, e se ficam num regime de "self demand", com mães ansiosas, o síndrome aparece. Nota-se que a cólica dos três meses raramente ocorre em infantes criados em instituições. O fator ansiedade materna aí é significativo porque faz do regime de "self demand" um meio agravante da hipertonia do bebê. A ansiedade da mãe supõe-se vir de uma hostilidade inconsciente ao filho, e por isto advém um sentimento de culpa que a impede de verificar a real necessidade de alimento. Ao ouvir o choro do bebê, faz logo o que é

mais radical: provê alimentação e sente-se aliviada pela penitência. No fim do terceiro mês, com a elicitção do primeiro objeto precursor, ao distinguir o rosto entre as coisas que o cercam, o infante apresenta processo de maturação e de interação que lhe possibilita outros meios de descargas libidinais que não a via oral. O tipo de relacionamento apropriado à fase foi feito, muito embora carregado de matizes desprazerosos, e uma identificação anaclítica sofrida deve surgir.

3. Outro tipo de hostilidade materna disfarçada em angústia, pode provocar uma dermatite atópica no primeiro ano de vida da criança e desaparecer por volta dos quinze meses.

Segundo as observações e pesquisas da equipe de Spitz, para este tipo de afecção aparecer, alguns fatores essenciais são reunidos. De um lado, a mãe com personalidade imatura hostiliza o filho indesejável e evita tocá-lo, manipulá-lo, sob pretexto de não machucá-lo; é possível, entretanto, que ao segurá-lo, sem querer, haja acidentes. Por outro lado, é preciso que o bebê apresente uma predisposição congênita para excitabilidade cutânea acentuada. As mães estatisticamente controladas na pesquisa aludida revelaram facilmente uma característica comum: imaturidade, com revolta contra a condição materna. Eram jovens mães delinquentes, por diversos delitos, inclusive sexuais. Os filhos, além da dermatite, apresentavam dificuldades de aprendizagem. A começar pelo 2º organizador psíquico, a angústia do terceiro mês é significativamente ausente, e isto revela um atraso discriminatório devido a relações objetais impróprias. Dinâmica-

mente, as oportunidades para a criança descarregar seus impulsos libidinais e agressivos são pobres, dificultando identificações primárias e secundárias. As descargas, então, ao que parece, se manifestam somatizadas em reações cutâneas. Claro que isto é apenas um pequeno esboço do inteiro processo, que é muito complexo. Mas é fato bastante conhecido a falta que faz estímulos cutâneos, não só pela omissão de experiências prazerosas, como também são eles que se tornam mensagens mais profundas e capazes de provocar diferentes percepções cenestésicas e diacríticas.

No citado distúrbio, a mãe ansiosa não se identifica com o filho pela forma mais elementar que é o contato físico, e a recíproca por parte do bebê é a mesma: sua relação objetal é pobre, incompleta. Mais adiante, devido ao processo de maturação orgânica, surge o progresso motor e vem a marcha; a criança mais independente descobre outras pessoas e coisas do mundo, as quais, embora tardiamente, suprem-na de estímulos libidinais. E a dermatite desaparece. Num estudo longitudinal poder-se-ia verificar outra hipótese de Spitz de que, mesmo superados os sintomas cutâneos, os distúrbios psicológicos persistiriam através de interação difícil, e em decorrência, a aprendizagem também o seria.

4. Quando as mães oscilam de modo rápido entre mimos e atitudes agressivas manifestas, levam os filhos a relações objetais instáveis. Essas crianças aparecem com uma sintomatologia especial: "hipermotilidade - balanceio". O balancear é normal nos lactentes, de maneira moderada, e é uma atividade transitória. Mas quando se torna exagerado em intensidade e permanência, algo deve es-

tar errado. Uma observação cuidadosa revela uma ligação objetal deformada com a mãe, e esta deve possuir personalidade psicopática pela variedade extrema de atitudes, "dos beijos à bofetada". Tais crianças não chegam a identificações secundárias boas e no tempo normal; manifestam retardamento nos setores social e de manipulação. Elas encontraram pelo balanceio um objeto substituto da mãe e outras pessoas: o próprio corpo é que lhes dará alguma satisfação libidínica. Tem-se uma fixação auto-erótica, narcisista, por longo tempo.

5. Ao apresentar suas pesquisas sobre "perturbações de carência afetiva" foi que a contribuição de Spitz tornou-se de imenso valor, pois fez mudar a mentalidade relativa ao modo de tratamento dos infantes nos hospitais, creches, asilos, etc., pelo menos nos países em dia com a medicina.

A privação afetiva parcial pode levar à depressão anafilática. A situação se verifica quando o lactente, depois de um mínimo de seis meses de relações boas com a mãe, dela é separado sem substituição materna adequada. À medida que o tempo de separação passa, desenvolve-se um quadro clínico que, se não for interrompido dentro dos limites do período crítico, pode terminar em letargia e morte. O quadro clínico, resumidamente, vai do choro frequente entremeado por guinchos, perda de peso, recusa de contatos, insônia, posição patognomônica, baixa de resistência a infecções, retardamento motor e, na fase final, os infantes recusam alimentos, têm expressão facial típica, gemem tenuemente e entram em letargia. Quando a depressão não chega ao máximo, instala-se um retardamento global, pouco apetite, expressão típica e di-

fácil processo de identificação.

A explicação psicanalítica é que a perda do objeto faz com que as duas formas instintivas, libidinal e agressiva, não se separem, e a criança se torna o alvo do próprio instinto agressivo: debate-se, puxa os cabelos, assim como não se alimenta e dorme pouco. Se por acaso há a volta do objeto libidinoso, antes de grande deterioração, a criança progride rapidamente e sua agressão voltará mais intensa que o normal, mas para o mundo exterior, e é possível que processos de identificação se formem lentamente.

6. Na carência total, isto é, quando lactentes com três meses mais ou menos são afastados da mãe e ficam sem substituta adequada, geralmente vão para instituições onde obtenham cuidados físicos suficientes, mas pouca atenção lhes é dada. Esses infantes, na realidade, ficam privados de um relacionamento afetivo. Desenvolve-se a sintomatologia do "hospitalismo", que segue as diversas etapas da depressão anaclítica; só que a deterioração pode ser ainda mais rápida, porque foi bem menor a relação com a mãe, e no hospital não houve, a tempo, a substituição conveniente. Os lactentes nessas condições ficam prostrados, com expressão de vazio, coordenação ocular pobre, movimentos espasmódicos nas mãos, e resistem apenas pela alimentação artificial. É o que se chama marasmo. Sobrevivem no máximo até quatro anos, com retardo mental no nível da idiotia.

Psicanaliticamente a explicação é que, por não haver objeto libidinal, as forças instintivas não são fundidas e não são neutralizadas. Por isto, a agressão fica

mais poderosa, destruindo a criança sob forma de marasmo, enquanto o impulso libidinal consegue manter a vida. Como se vê, aqui existe ausência de relações objetais, sem as quais não são possíveis progressos no ser humano. Essa falta de trocas afetivas leva-os ao retardamento máximo: não há aprendizagem, não havendo pois identificações quaisquer; as instâncias psíquicas não se organizam, não se conseguindo uma neutralização de forças.

Conclusão e comentários - Em conclusão, todas as pesquisas de Spitz levaram-no a identificar três períodos nítidos nos primórdios da evolução emocional do ser humano: período de indiferenciação, período pré-objetal e período do objeto propriamente dito, dominados todos pela atividade de um adulto significativo, de tal modo que esta atividade assistencial e manipulatória se transformará em comunicação cenestésica conforme as exigências manifestas ou sintomas do bebê. Este, assim, começa a sintonizar com outro ser humano, começa sua identificação primária e em seguida a anaclítica, e daí por diante outros tipos de identificações secundárias. A evidência dos fenômenos descritos fizeram com que Spitz e muitos outros estudiosos que observam as crianças crescerem, considerassem "que o desenvolvimento afetivo precede qualquer outro desenvolvimento e funciona como uma luz condutora". Quando, pois, há desordens na formação das primeiras relações objetais, ocorrem consequências gerais no desenvolvimento: incapacidade de identificações estáveis, positivas, etc., e incapacidade de formar transferências na puberdade e idade adulta. Isto dificulta em menor ou maior grau o ajustamento na vida quotidiana e também na terapia. É como diz o próprio autor que estudamos:

"a miséria das relações infantis (identificação anaclítica) terá expressão na penúria das relações sociais. Espoliados do alimento afetivo a que tinham direito, recorrerão ao único caminho que lhes resta, o da violência, da destruição de uma ordem social da qual eles são vítimas. Crianças sem amor tornar-se-ão adultos cheios de ódio"(R.Spitz-1954).

É por isto que Spitz e outros apresentam um enfoque cultural de grande validade, que é o estudo em profundidade desta relação mãe-filho em diferentes culturas. Terão as relações objetais as mesmas consequências em culturas com outra base familiar? Citando Kardiner, M.Mead, R.Benedict, antropologistas culturais, eles já demonstraram que existe uma correspondência evidente entre o tipo de relacionamento mãe-filho adotado em uma determinada cultura e os tipos das instituições, o "modus vivendi" da sociedade adulta da mesma. Não quer isto dizer que haja um determinismo por parte de um dos lados da correlação. Os dois lados são entrosados intimamente, são interdependentes, interconsequentes.

Também na nossa cultura ocidental em ebulição e transição, as próprias relações objetais, idealmente facultadas pela família monogâmica prevalente, apresentam um número crescente de crianças, jovens e adultos prejudicados por causa de outras condições contraditórias da sociedade atual. Como foi dito, a nossa sociedade contemporânea adota o tipo tradicional de família mas obriga o afastamento precoce da mãe para o trabalho e o afastamento contínuo do pai por diferentes razões profissionais, o que dificulta relações primárias e identificações secundárias, respectivamente, conforme têm sido descritas até hoje.

3.2 Enfoques etológicos relacionados com a afeição e modelagem.

3.2.1 Harlow - O contato mãe-filho

Existe uma distância enorme entre o comportamento dos macacos e do ser humano, o mais primitivo. Mas como termo de comparação, ou melhor, como ponto de partida para o entendimento de estruturas psíquicas mais simples e em complexidade crescente até o "homo sapiens", o estudo dos mamíferos superiores esclarece muito. Assim, quer sob o ponto de vista antropológico como sob o ponto de vista psicológico, estão sendo feitas observações em campo, e experiências em laboratórios, sobre a vida dos primatas. Os contrastes e semelhanças entre o comportamento dos macacos e dos primitivos, e do infante humano, à medida que são conhecidos, auxiliam a compreensão do comportamento social dos ancestrais do homem e do início das relações sociais do ser humano.

Harry F. Harlow, da Universidade de Wisconsin, tem demonstrado com clareza, por suas experiências no Laboratório de Wisconsin, desde a década de 50, importantes hipóteses da Psicologia moderna sobre assuntos bastante discutidos anteriormente. Vários desses assuntos foram inspirados por Freud que, com seu gênio criador e sem utilizar processos lógicos rigidamente formais nem métodos de estatística inferencial, tirou de observações empíricas conceitos e teorias realmente empolgantes, como já vimos.

Em 1953, por exemplo, Harlow organizou meticulosa experiência com macacos Rhesus para averiguar como sur-

giu o motivo ou "drive" manipulatório, se era um "drive" primário ou secundário. No final de vários testes perfeitamente controlados, encontrou resultados que apresentaram a manipulação como independente de outros "drives" internos, fome, sede, sexo, etc., ou sejam as forças instintivas de que fala Freud.

Já com referência ao tema que estudamos, Harlow partiu das investigações clínicas apontadas por Spitz e ratificadas por todos os observadores pediatras: crianças que nunca tiveram cuidados maternos ou que foram separadas de mães normais durante período crítico sofrerão distúrbios graves e retardamento em todo o processo de desenvolvimento.^{28,29,30,31,32}

Vimos como Spitz expôs os síndromes de hospitalismo e depressão ansclítica, além de casos menos agudos mas que se prolongam, em que os indivíduos apresentam atraso mental e social, inclusive incompetência na heterossexualidade. Já foi demonstrado que esta variedade clínica advém da inadequação dos primeiros contatos, ou seja, das relações objetivas. Mas, indaga Harlow, seria mesmo somente a complexa variável relação mãe-filho que produziria tais transtornos? Experiência com seres humanos, capaz de controlar essa e outras possíveis variáveis, seria impossível sob o ponto de vista ético e prático, pois tem-se que levar em conta a grande incapacidade do recém-nascido e a sua lenta maturação, para que se tenha uma observação rápida dos efeitos de diferentes estímulos e ambientes. Não resta dúvida que primatas como os macacos Rhesus manifestam as relações primordiais que podem ser perfeitamente observáveis em laboratórios, e aí sofrerem diferentes influências (tipos de afastamento) capazes de

serem controlados com toda técnica. Os filhotes de macacos Rhesus, logo após o nascimento, têm maior coordenação motora e o sistema de maturação muito mais rápido que os bebês humanos; entretanto, ambas espécies seguem um padrão semelhante de desenvolvimento. A princípio verificou-se que se o recém-nascido Rhesus fôr separado da mãe, sobreviverá se bem alimentado com mamadeira. E de acordo com a técnica de Yale, deverá ser colocada uma fralda dobrada à qual o filhote agarrar-se-á insistentemente. Partindo da importância desse contato íntimo com superfície suave, figurou-se que uma variável relevante do cuidado materno seria o contato corporal, daí o maior apego do filhote à mãe. Para observar mais detidamente esse comportamento e provar a hipótese referida, Harlow planejou a famosa experiência da mãe substituta de dois tipos: um tipo, a "mãe de arame" (cilindro de arame com cabeça de madeira); outro tipo, a "mãe de pano" (cilindro de arame revestido e com cabeça de madeira). Separou-se dois grupos, cada um com quatro recém-nascidos Rhesus. Um grupo se alimentava por meio da mamadeira colocada na mãe de arame, e outro grupo com mamadeira na mãe de pano. Os macacos aumentavam de peso igualmente, o que prova a eficiência das duas mães sob o ponto de vista da nutrição; mas, psicologicamente, as duas mães representavam diferentes interesses. A mãe de tecido era constantemente abraçada, tocada, fucinhada, etc., e mesmo a almofada aquecida não despertava maior atrativo de contato que a mãe aveludada. E esta era cada vez mais acariciada, à medida em que os macacos cresciam independente do fato de não ser ela a que alimentava um dos grupos. E diz Harlow:

"Este fato contradiz a idéia de que a afeição é uma resposta aprendida e derivada da associação com a redução da fome e sede, e prova a fundamental necessidade do contato corporal e do imediato conforto que advém desse contato, na formação do apego da criança a sua mãe"(Harlow-1959).

O apego, o contato corporal, constituiu pois uma das variáveis decisivas na relação mãe-filho. A experiência e palavras de Harlow estão de pleno acordo com o que registramos dos estudos de A. Freud e, especialmente, com as observações de Spitz.

Harlow, numa segunda fase da experiência, quis confirmar, sob um ângulo diferente, a necessidade de contato, como apego emocional, quando os filhotes estivessem sob tensão, isto é, medo. Assim, ele colocou nas gaiolas um estímulo que causava medo ou estranheza, e os bichinhos corriam a aconchegar-se na mãe alcochoada. Junto dela, pouco a pouco enfrentavam o estímulo assustador, olhando-o depois, chegando mais perto e, enfim, examinando-o entre idas e vindas à mãe de tecido que fica sendo a base de segurança e de operações psicológicas. O contraste é dramático quando existe um estímulo atemorizante e a mãe de tecido está ausente: choros, gritos, agachamento, agitação estereotipada da cabeça e nenhuma atividade positiva de exploração. (Isto lembra as nossas crianças quando vão a ambientes estranhos: tudo está bem quando a mãe boa está perto, mas se apavoram, se agitam descontroladamente quando se vêm a sós num tal ambiente). Macaquinhos criados com a mãe de arame em situação de estímulo atemorizante têm o comportamento típico: correm para um canto, agacham-se e agitam convulsamente a cabeça de modo estereotipado.

"Essas atitudes assemelham-se muito ao comportamento autístico de crianças negligenciadas dentro e fora de instituições" (harlow-1959).

Enquanto o conforto ou agradabilidade do contato com superfícies macias evidenciou a necessidade, na vida real, do aconchego corporal à mãe de verdade, outros fatores de relacionamento físico devem ser providos pela mãe, de modo que contribuam para o progresso do filho. É facilmente verificável o fato de que a pressão e a tensão no ato de segurar mais os movimentos provocados pela mãe viva estimulam o filho a mover-se também cada vez mais e melhor. Continuando as experiências com mãe substituta, sendo esta de pano e movente, é preferível à mãe de pano fixa. O movimento parece aumentar o apego, a afeição, embora de modo menos significativo que o contato. Levine demonstra também que a manipulação de filhotes de mamíferos tem um grau de correlação com o progresso geral e especificamente emocional dos mesmos.³³

Como foi descrito anteriormente, Spitz apontou momentos críticos na formação de relações objetais, as quais encontrando óbices de se realizarem até certo momento marcam o indivíduo de maneira negativa no que concerne a conseguir laços afetivos pela vida afora. Em certas espécies animais, os períodos críticos "de relacionamento" foram espetacularmente demonstrados nos experimentos de Hess, que apontou o processo de "imprinting" em patos selvagens. "Imprinting" seria o fato destes seguirem o primeiro objeto móvel que percebem após saírem do ovo até determinado período crítico. Harlow (1962) cita outras experiências na década de 50, agora procurando situar os períodos críticos para que o apego à mãe se de-

se involva.

Ele observou o efeito do isolamento total e do isolamento parcial em época precoce nos macacos Rhesus. Numa experiência isolou dois filhotes machos e fêmeas por dois anos inteiros, cada um em sua gaiola onde eram alimentados e ensinados por técnicas especiais. Ambos, no final de dois anos, apresentaram peso satisfatório, pélo normal e nenhum sinal de marasmo. Sob o ponto de vista social, porém, colocados frente um do outro, e depois com outros macaquinhos, eles não reagiram normalmente. Deixados numa jaula comum, eles se esquivavam com mostras de medo, não se defendiam quando atacados, não brincavam e não participavam de atividades sexuais infantis normais no grupo. O comportamento social nesses animais foi totalmente prejudicado. O mesmo isolamento total por seis meses e doze meses com outros filhotes Rhesus fez que esses se mostrassem bem mais esquivos que os macacos normais, porém não tanto como os do primeiro experimento. Num outro grupo isolado totalmente por quase três meses, mas que foi manipulado por experimentadores para testes, estabeleceu-se uma interação quase normal após um ano de convivência com grupos de macacos normais. Tudo indica, conforme já nos referimos acima, que a manipulação e o contato humano prepararam os filhotes Rhesus para uma convivência ulterior com os seus semelhantes. Em resumo, fica evidente o dano do isolamento total por mais de um ano, período de isolamento jamais suportado por infantes humanos (mesmo tendo em volta seres humanos, mas nenhum como mãe). Entretanto, essa diferença quantitativa não afasta a idéia de semelhança de efeitos do isolamento, e sim acentua o fato de a espécie humana apresentar maior

dano quando privada de cuidados maternos, justamente pela incapacidade impressionante de sobrevivência nos primeiros meses de vida e por possuir em sua organização psicossomática algo mais, completamente diferente dos outros mamíferos.

Experiências sobre efeitos do isolamento parcial também foram feitas repetindo a idéia de utilizar-se mães substitutas de arame e de tecido: um grupo, no qual filhotes foram criados em gaiolas individuais, mas vendo e ouvindo outros macacos, sem tocá-los, porém; um grupo com acesso à mãe de arame por cinco meses, e um terceiro grupo tendo as duas mães substitutas às ordens (também nos seus primeiros seis meses). O interessante é saber que quando os macaquinhos desses três grupos foram postos em convivência comum mostraram as mais diferentes reações individuais. Muitos animais mostraram certos gestos e expressões de sofrimento, de auto-agressão, olhar fixo, gestos circulares com a cabeça de modo estereotipado. Nenhum apresentou comportamento sexual normal. E como isto é significativo para o nosso estudo, vamos resumir os resultados da experiência e observações de Harlow. As fêmeas criadas isoladamente, já tendo atingido amadurecimento fisiológico, mesmo no período de cio, evitavam os machos e até os repeliam brutalmente; só eventualmente se tornavam grávidas. Os machos tinham um comportamento sexual desorganizado, inclusive com postura de cópula bem diferente dos machos normais. Enfim, foi necessário um treinamento por certo prazo para que esses macacos machos e fêmeas conseguissem conduta menos bizarra; o que foi feito com ajuda de macacos normais, plenamente desenvolvidos e treinados para tal.

Observa-se que normalmente a interação entre as crias de macacos é bastante estimulada pela mãe, à medida que vão tendo amadurecimento; pois a fêmea Rhesus, na mesma medida, repele os filhos frequentemente para diminuir o demasiado apego que fora encorajado nos primeiros tempos. Desta maneira, os macaquinhos arranjam outros contatos entre os contemporâneos: ao brincarem, agarram-se mutuamente, coçam-se, etc., tudo isto contribuindo para atividades sociais adultas, especialmente a do sexo. Forma-se então uma independência paulatina da mãe, ao mesmo tempo que se desenvolve um sistema de afeição mais complexo e rico, semelhante aos estágios humanos cronológicos. Nos macacos esses estágios são menos nítidos, porém susceptíveis de, em cada um, serem agrupadas certas atividades peculiares. Assim, tem-se a fase infantil, fase pré-adolescente, fase adolescente e fase madura. A fase infantil corre todo o primeiro ano e é caracterizada pela maneira inadequada de posição sexual ao brincarem livremente; a fase pré-adolescente, por todo o segundo ano na fêmea, vai até o fim do terceiro no macho, e se caracteriza pela posição correta para o coito, mas sem que se complete o ato sexual. Nas fases adolescente e adulta a atividade é correta, completa, e podem ser reprodutivas - vai do quarto ano em diante. Normalmente os machos são mais precoces na iniciativa de adquirir parceira, são insistentes e mais ativos que as fêmeas; não se verifica período de latência nessa espécie animal. (Harlow-1962) Coisa alguma do que foi dito nos últimos parágrafos é vista entre os macacos criados sem mãe viva, a não ser depois de lento treinamento, quando não houve de no total para essa aprendizagem.

O papel materno ressaltado até aqui por seguras observações quanto a sua eficácia para o progresso psico-sócio-sexual desses primatas, fica um pouco menos claro quando se fez a seguinte experiência: Harlow separou oito filhotes Rhesus e criou-os junto à mãe de pano, permitindo, por determinada hora diária, brincadeiras em comum em quarto equipado com brinquedos estimulantes. Esses macacos tiveram inicialmente algumas dificuldades de interação que foram depois superadas, inclusive tiveram relacionamento sexual comum no período razoavelmente adequado. Interpreta-se que o contato com superfície macia (a mãe de tecido), mais a oportunidade de contatos corporais, pressão e movimento com outros semelhantes tenham diminuído consideravelmente a omissão materna (mãe real) tão abrangente.

Um fato de grande interesse relacionado com os achados clínicos psicanalíticos é que, guardadas as proporções da analogia, assim como é difícil uma mulher ser boa mãe sem que ela própria tenha tido na vida uma figura materna como referência, isto é, tenha tido boas relações objetais, a mãe Rhesus criada junto à mãe substituída não corresponde em coisa alguma às respostas maternas da espécie. Ao contrário: elas repelem qualquer contato filial com vigor, chegam a pôr em risco a vida da cria. Em contraste com a completa deformação materna, o recém-nascido Rhesus tenta inúmeras vezes alcançar o seu objeto de amor. Isto prova que, existindo a mãe à vista, o bebê macaco mostra que seu apego sobrepujará os banimentos e castigos. Às vezes os bichinhos se satisfazem com rápidos contatos corporais e de lado que sejam com sua terrível mãe:

"month after month female monkeys that never knew a real mother, themselves become mothers, - helpless, hopeless, heartless, mothers devoid or almost devoid of any maternal feeling" (Harlow-1962).

Os bebês macacos nesses casos e nos experimentos de isolamento não demonstram de início sinais de neurose. Experiência com mãe de pano rejeitante assusta mas não afasta o infante Rhesus, nem ele demonstra outros sintomas. À medida que amadurecem e que devem juntar-se a outros semelhantes é que a "neurose" surge evidente, sendo dominadora no relacionamento sexual e materno, conforme já foi dito. Tudo o que foi descrito nos leva a generalizar que quanto mais longo e mais completo seja o isolamento inicial do macaco, maior e mais deformados serão os efeitos na conduta do indivíduo macaco. Embora seja impossível saber até que ponto se pode comparar o que se viu, das experiências citadas com o comportamento humano, não restam dúvidas de que as analogias são muito expressivas sob vários ângulos. Tudo isto, como diz Harlow, "nos dá mais fé nas observações clínicas sobre os seres humanos". Em conclusão, o valor das relações objetais na puerícia, precursores de identificações, é altamente relevante para sobrevivência e adaptação do homem. Implicam essas relações em complexas variáveis que partem da díade mãe-filho: contato, pressão, aconchego, voz, aleitamento, etc., assim como para outros primatas a presença materna é indispensável para a aprendizagem de interação social entre contemporâneos, parceiros sexuais e de relação mãe-filho.

Temos pois que as observações referentes à infância, suas relações e tipos de identificação, e por autores psicanalistas da ordem de Spitz e A. Freud, ficam endossa

das num terreno experimental da Biologia e Psicologia comparada por etólogo eminente, tal seja Harry F. Harlow.

3.2.2 Hess - O "imprinting" e a visão do infante como elo afetivo da relação mãe-filho

As experiências de Harlow e Levine provaram a formidável influência do contato pela pressão, manuseio e carícia que devem haver a fim de que os filhotes de mamíferos se desenvolvam satisfatoriamente. Sabemos que o mesmo, em relativa analogia, se passa com o homem, precisando dele, mais que todos os mamíferos, desses estímulos, os quais, normalmente, provêm da mãe. Por isto, será a figura materna necessariamente o objeto catético primordial do ser humano.

Mas não serão somente as "mensagens" recíprocas de "comunicação cenestésica" contida no aconchego (conforme as explicações de Spitz) mais a sucção e o alimento que vão formar a "humanidade" do filhote de homem. Ele começará a utilizar, após alguns dias de nascido, o seu potencial para visão. E vai ser um estímulo visual que poderá forjar outro elo adicional afetivo, isto é, o rosto da mãe ajudará ao infante, ao vê-la, a incorporar no seu "eu" incipiente a figura humana. Vamos explicar nosso pensamento mais adiante. Principiemos por lembrar que em certas espécies animais são os estímulos visuais os mais influentes sobre o comportamento dos filhotes.^{34,35}

Na década de 50, o professor Eckhard Hess, da Universidade de Chicago, quis observar sob controle experimental os efeitos desses estímulos. Ele partiu das observações de Lorenz, que descrevera minuciosamente (e deno-

minara) o fenômeno "imprinting" em certas aves. O fenômeno consiste no fato de o filhote dessas aves se apegarem ao primeiro objeto móvel que percebem, normalmente a mãe. Lorenz e todos os fazendeiros sabem que os filhotes de gansos provenientes de chocadeiras não vêem a mãe e por isto seguem ao ser vivo que vêem, geralmente o granjeiro.

Lorenz, conforme nos diz Hess, ressaltou duas coisas significativas a respeito do "imprinting":

"que semelhante fenômeno parecia ocorrer num período crítico, no começo da vida de um animal".

"...que o primeiro objeto a elicitar uma resposta social desencadeia não só essa resposta como também respostas relacionadas, tais como o comportamento sexual" (Hess-1966).

Hess juntou-se a Ramsay, da McDonough School, Maryland, e ambos, no laboratório de Maryland, procuraram validar as asserções de Lorenz e outros estudiosos sobre o "imprinting", precisar a idade crítica em que ocorre, bem como saber por quanto tempo os filhotes de pássaros deviam ser expostos ao objeto impressor para discriminá-los de outros.

Neste laboratório de Maryland, os patos selvagens em ambiente natural fornecem os sujeitos das experiências. Com técnica rigorosa separam certo número de ovos desta espécie de aves para a chocadeira. Ao nascerem, os filhotes eram postos em caixas de papelão individuais, e assim não tinham experiência visual até serem colocados no dispositivo para o "imprinting". O aparelho consistia numa pista circular com dimensões determinadas para serem depois equacionadas com número de voltas; sobre a pista, o objeto "imprinting", um modelo de pato selvagem,

tipo chamariz, que se movimentava eletricamente em diferentes velocidades. Cada patinho seria exposto ao chamariz após algumas horas da eclosão; variava-se a idade, horas, o tempo de exposição, a velocidade e o número de voltas. O processo de "imprinting" começa quando se solta o pato no aparelho um pouco atrás do chamariz, este é movimentado e o pato começa a segui-lo. Testa-se o efeito do "imprinting" colocando-se, diante do pato, após n exposições diante do chamariz, um modelo diferente deste e verificando-se qual dos patos artificiais seguirá. Deu crever outros aspectos interessantes sobre a experiência foge muito do âmbito deste trabalho. O importante é registrar as conclusões principais:

- 1) a contagem do "imprinting", significativamente maior, ocorre nos filhotes experimentados entre 13-16 horas após a eclosão, o que indica claramente um tempo crítico;
- 2) a força do "imprinting" depende mais do esforço para seguir o modelo do que a duração do período de exposição;
- 3) para o processo de "imprinting" é preciso algum grau de ansiedade.

Trouxemos, portanto, as experiências de Hess e as relacionadas com o comportamento humano, especificamente sob o ângulo que o estudamos, porque vimos implicações relevantes no processo de "imprinting" capazes de comprovar o que tem sido discutido páginas atrás: que para um infante desenvolver-se normalmente deve obter uma certa quantidade de atenção e manuseio (que corresponde ao esforço, tensão, e ansiedade da ave), e isto num período crítico (não tão definitivo como na ave), mas que deve

estar nos primeiros meses de vida. Isto representa mais um experimento no campo etológico, fundamentando a base real, ou seja, o dado empírico da asserção psicanalítica de ser a primeira infância o período crítico para a formação do indivíduo, marcado tal período pela díade mãe-filho. Havendo esta de modo normal, a hominidade do ser vai evoluindo. Com a precariedade ou falta da mesma, vem o retardamento e até a desagregação.

Assim, também somos de opinião que deve haver alguma analogia entre os processos de "imprinting" e a discriminação visual tão nítida do rosto humano, manifestada pelo sorriso de terceiro mês do bebê. A isto Spitz muito apropriadamente denominou, como já se viu, "gestalt sinal", isto é, a resposta gestáltica ao estímulo visual rosto.

O já tão citado etólogo Harlow, nos parece, ratifica nosso pensamento de haver uma analogia entre o fenômeno "imprinting" e o valor da impressão visual do rosto. Concorda Harlow implicitamente com Spitz ao citar John Bowlby, que sugerira haver uma variável de afeição (affectional variable) contida no que chamou objeto primário de seguimento (primary object following), caracterizado pela procura visual e oral do rosto materno. Continua Harlow que observou semelhante sinal nos símios; normalmente os filhotes ao nascerem parecem não reparar as coisas em volta, mas ao fim de um mês o rosto da fêmea mãe é objeto de reparo especial. Com os macacos sob experiência, houve um fato digno de nota: na primeira experiência com mãe substituta, a armação de arame tinha uma cabeça grossa de bola de madeira sem face desenhada. Após uns 180 dias, com intuito de provar predileção pelo movimento,

colocou-se o filhote em um quarto com mãe substituta de pano, uma fixa, outra móvel, ambas com cabeças bem desenhadas. Surpreendentemente o macaquinho virava, antes de mais nada, as cabeças desenhadas para o lado oposto, e este era liso. E fez viradas insistentes até que, aperfeiçoando sua manifestação de rejeição, mas sem medo nem ansiedade, conseguiu arrancar as estranhas cabeças. Isto prova que, por um tempo crítico, a percepção da primeira face é que foi assimilada no sistema afetivo do macaco. Tal qual se espera que seja quanto ao rosto humano pelo "gestalt-sinal" que, junto a outros processos, ajudará a identificação com outros seres humanos.

Finalmente, as experiências de Hess e a última observação citada de Harlow comprovam que a visão faz surgir mais um elo afetivo na relação mãe-filho; que há um período crítico para que certos tipos de conduta surjam ou sejam aprendidas; que os acontecimentos desse período têm consequência na vida adulta.

3.2.3 Levine - Estimulação tátil e organização afetiva

Levine, da Ohio State University, traz reforço de validação na descoberta de Harlow referente ao fato de a estimulação tátil (contato, pressão, etc.) ser mais importante que a sucção para o desenvolvimento do comportamento afetivo.³³

As experiências infantis envolvem, quase sempre, ma nuseio por parte de adulto, e mesmo o mais tênue manusei o provoca certa tensão emocional. Possivelmente, as crianças que sofrem menos dessas experiências sejam as cria

das em asilos.

Será que, independente do sentimento de rejeição e de menos valia, já verificado em mamíferos superiores criados sem mãe, a estimulação tátil é uma das variáveis que compõe o desenvolvimento?

A isto, as experiências de Levine procuram responder. Ele conseguiu, sob cuidadoso controle, verificar em filhotes de ratos o efeito de excesso de estímulo, indo ao máximo com choques elétricos, comparando esse efeito com o de manuseio comum e com o de completa falta de estímulo. Levine organizou três grupos de ratos recém-nascidos para serem submetidos respectivamente a: 1º) estimulação excessiva; 2º) normal; 3º) nula. Esperava que o grupo recebedor de choques (correspondente aos traumas infantis humanos) fosse o mais afetado emocionalmente na idade adulta. Constatou, entretanto, que o grupo mais perturbado foi aquele que não tinha sido manuseado, enquanto o comportamento dos ratos que receberam choque era semelhante ao do grupo que sofrera manipulação comum. No teste de comportamento padrão, põe-se os ratinhos numa caixa plástica de tamanho determinado, de modo que é possível acompanhar em gráfico os movimentos de explorações dos sujeitos. Observa-se que os ratinhos não manuseados quase não se movimentam, escondem-se num canto, rastejam timidamente e tendem a defecar e urinar mais, enquanto os outros exploram o ambiente com disposição. O comportamento dos ratinhos não manuseados demonstra reação à tensão, justamente através das funções que são controladas objetivamente pela maior quantidade de hormônios esteróides distribuídos na corrente sanguínea e pelo aumento das supra-renais. É interessante registrar

que todos os ratinhos em determinados momentos têm os aumentos de esteróides e de volume das supra-renais. O grupo criado sob choques e o grupo manuseado, se sofrerem um choque elétrico mais forte, mostram idênticos sinais do sistema nervoso autônomo. Mas os ratinhos não estimulados apresentam o mesmo incremento reativo, só com a mudança de ambiente, porém, de maneira lenta, e mantêm um nível alto de secreção de esteróides por um período mais longo de tempo.

Fisiologicamente, a reação dos dois primeiros grupos é uma resposta adaptativa indicada pela rapidez do incremento nervoso e curta duração do mesmo, e serve ao propósito útil de mobilizar os recursos do organismo no momento exato em que este está sob tensão. Ao passo que no grupo dos ratos não estimulados, o atraso e o prolongamento da resposta de tensão podem ter consequências nocivas: úlceras, maior suscetibilidade a infecções e, eventualmente, morte por exaustão da supra-renal. Além disso, esse tipo de resposta no grupo não estimulado é elicitado até em situação neutra, como seria expô-lo apenas num campo aberto. Os ratinhos do último grupo têm, pois, uma resposta não adaptativa.

Prosseguindo em suas experiências, Levine fez a importante descoberta de que a estimulação pelo manuseio e pela tensão acelera a maturação da resposta de tensão do filhote de rato. Para avaliar isto, fez a mensuração do ACTH liberado em diferentes dias após o nascimento, com ratos estimulados. Pode-se, então, inferir que a estimulação acelera a maturação do sistema nervoso central desses animais, não só pelo que foi visto referente à atividade hipofisária, mas também pelo exame da massa encefá-

lica precocemente mais rica em substância branca que os cérebros dos ratos não estimulados. E sob muitos aspectos comportamentais, os ratos estimulados têm um ritmo mais rápido de desenvolvimento, mais peso e maior resistência contra infecções.

Por este resumo, constata-se mais uma vez, utilizando-se de experiência capaz de controlar algumas variáveis, que os determinantes genéticos não podem manifestar-se a não ser em interações com os diferentes aspectos do ambiente. Conforme a interação, ter-se-á um grau e tipo de desenvolvimento. Apesar de grandes estudos e experiências, inúmeras questões sobre o desenvolvimento ainda não são explicáveis. Assim, tem-se logo uma questão sobre a própria descoberta apontada: como a estimulação provoca modificações no organismo infantil?

É certo que os resultados das experiências de Levine indicam claramente que a estimulação do organismo na infância apresenta consequências bem amplas sobre o comportamento do adulto. Isto é verdade para grande número de espécies de animais. Sem desejar, simplisticamente, passar do que se provou com animais para o homem, não se pode negar, contudo, a igualdade dos dados de diagnósticos ou de clínica que indicam: as experiências na infância têm um efeito profundo na constituição e no caráter do adulto humano. Já nos referimos aos estudiosos observadores da privação materna, os quais relatam que as crianças em hospitais e orfanatos têm uma taxa de desenvolvimento mais lenta e são mais suscetíveis a doenças. Os efeitos da privação materna, igualando-se à falta da quantidade ótima de estímulos nos períodos críticos do primeiro ano, podem ser analógicos aos efeitos da falta

de quaisquer estímulos de pressão e contato nos primeiros dias da vida do rato. Logo, o manuseio é uma das variáveis que compõem o desenvolvimento.

3.3 Hipóteses feitas com base nos estudos apresentados

Antes de prosseguir na tentativa de verificar correlato neural, achamos imprescindível efetuar uma síntese sobre o que julgamos ser essencial e objetivo referente ao construto identificação, síntese dos estudos analisados até aqui.

3.3.1 Existência do fenômeno

Devido à enorme difusão e riqueza do pensamento freudiano a respeito, e à não menos complexa apresentação de A. Freud, Spitz e outros, o conceito de identificação e a demonstração de sua existência é assaz difícil. Por isto mesmo, a concepção é criticada por muitos e eliminada por alguns. Por outro lado, tem havido grandes esforços por parte de pesquisadores da Psicologia Social da Aprendizagem com o fim de descobrir a validade dos conceitos psicanalíticos.

Hill (1960)³⁶, no estudo "Learning Theory and the Acquisition of Values", destaca a identificação como assunto para crítica, devido à variedade de nomes dados ao mesmo processo e também à variedade de fenômenos rotulados, ora por identificação, introjeção, ora internalização e incorporação, variando conforme os autores, desde Freud.

Shafer (1968)³⁷, por exemplo, um dos que apresenta os termos com diferentes significados:

"Internalization refers to all those processes by which the subject transforms real or imagined regulatory interactions with his environment, into inner regulations and characteristics".

"Introjection should be used to refer to one kind of internalization only, namely, the processes where by object representations are constituted as introjects or are changed into them".

"Identification and introjection must be recognized as being distinct types of internalization. Not all introjects are turned into identification."

"Identification may be built out of introjects too but it is not clear that all identifications must be built in this way".

"Incorporation refers to a particular content of primary process ideation... Incorporation may be said to refer to ideas that one has taken a part or all of another person (or creature or thing) into one's self corporeally, and further, that this taking is the basis of certain novel, disturbing, and or gratifying sensations impulses, feelings and actions of one's own and of correlated changes in one's experience of the environment".

"...also, although incorporation may contribute to either identification or introjection, it may not be equated with either".

O que quisemos mostrar com as citações acima é como intrincado se apresenta o tema. Os termos tidos como semelhantes para uns, são desdobrados com sutilezas pelos especialistas.

Desta maneira, também os teóricos da Aprendizagem Social conceituam o problema de modo variadíssimo. A. Biaggio (1968)³⁸ e M. Graciano (1971)³⁹, entre nós, apresentaram respectivamente um interessante artigo e fundamentada tese, nos quais são revistas as principais hipóteses desses teóricos. Por exemplo, Mowres e Sears mostram a identificação anaclítica pela hipótese do "reforço secun

dário" e Whiting pela hipótese da "inveja do status". Parsons, "papéis recíprocos", Mussen e Diester viram um tipo de identificação pela hipótese do "poder social". Bandura e Ross igualam identificação com simples imitação, e Hill (1960) e Bronfenbrenner (1960) apontam Sanford como um dos psicólogos que, desencorajados pela confusão de significados incluso na identificação, considera a possibilidade de abandonar o termo de vez, só retendo aquele que descrevesse um mecanismo de defesa significando a adoção do comportamento de um modelo pelo sujeito (através do amor ou punição), um mecanismo o qual não seria tão importante no desenvolvimento normal da personalidade. O próprio Hill considera que, para maior clareza psicológica, dever-se-ia abolir não somente identificação mas também introjeção e internalização do vocabulário técnico das teorias do desenvolvimento. Propõe que o termo seja substituído genericamente por "aquisição de valores", dentro da teoria da aprendizagem, que tanto inclui a imitação do comportamento, o ato em si, como também o motivo que leva ao ato; exemplo: lavar as mãos antes das refeições, imitação de alguém significante e gosto pela limpeza, o motivo (identificação).

"So, although the distinction between specific acts and broad meanings is a legitimate one, there is no sharp breaks on the continuum and there is no reason to assume that basically different laws are involved" (Hill-1960).

Eis que, a nosso ver, apesar da complexidade do construto, da variedade de enfoque dos diversos estudiosos, pode-se por inferência alegar que, se todos vêem o fenômeno, mesmo sob diferentes ângulos e vários nomes, ele certamente existe e deve ser muito importante na for-

mação da personalidade. Quero chamem genericamente de internalização e depois, mais especificamente, identificação anaclítica, identificação com o agressor, imitação, identificação primária, identificação secundária, aquisição de valores, similaridade adquirida, satelização, papel recíproco, etc., no fim tudo exprime formas de modelagem ou, generalizando, identificação no sentido lato.

3.3.2 Modalidades do fenômeno

Assim, sejam os termos sinônimos ou quase, descritivos apenas; sejam alguns passíveis de só serem aplicados em determinadas idades, por isto ou por aquilo (reforços, medo, inveja, etc.), o certo é que todos eles representam um processo em que houve inicialmente um laço emocional inconsciente entre a criança e os pais ou um adulto significativo. Quando concordamos com a crítica sobre a falta de objetividade em muitos textos de Freud sobre a matéria, não negamos, porém, a nitidez com que ele destacou o que acabamos de dizer. E como diz Bronfenbrenner (1965)²¹,

"Freud was not asking why and how a child might learn an isolated piece of behavior from his parents. He was interested in what he felt to be a more sweeping and powerful phenomenon, the tendency of the child to take on not merely discrete elements of the parental model but a total pattern. Moreover, as Freud saw it, this acquisition was accomplished with an emotional intensity which reflected the operation of motivational forces of considerable power".

Isto implica que há um motivo para que a criança se seja como um dos pais, e que este motivo funciona em relação a um padrão total, ou seja, uma Gestalt. Na teoria

psicanalítica as asserções, por variadas que sejam, partem dessa hipótese, e na teoria da Aprendizagem Social alguns teóricos como Sears (sistema motivacional secundário) propõem uma explicação semelhante.

Não sendo o objetivo deste trabalho comparações e discussões sobre a desafiante complexidade do conceito em diferentes escolas, o que já foi executado (por M. Graçiano), desejamos tão somente, neste momento, tornar evidentes as suposições próprias, dentro da temática. Assim, volto a citar o que no início apontamos como mais abrangente e geral, e que nos permite classificar o fenômeno estudado, apoiados na lúcida análise de Bronfenbrenner (1960): identificação pode ser comportamento, motivo e processo.

Sendo assim, é indiscutível que pela identificação possa haver uma maior quantidade de aprendizagem dos costumes, valores e atitudes da cultura em que se vive; por meio de identificação se adquire consciência e molda-se a personalidade.

3.3.3 Extensão do fenômeno

Um outro ponto de vista que adotamos é que a identificação não é um fenômeno verificável somente na infância e adolescência. A quase totalidade das pesquisas e especulações existentes tratam da identificação na infância. É óbvio que diferentes tipos destas são mais evidentes, fortes e consequentes, justamente na fase do desenvolvimento do homem, como já exaustivamente comentamos. Conhecemos poucos estudos que tratam objetivamente da identificação na adolescência e nenhum que fale sobre o

assunto com referência a adultos. Entretanto, pensamos que os tipos de identificação vão surgindo e diferenciando-se ao longo da fase de desenvolvimento e prosseguem pela maturidade, enquanto o indivíduo, vamos supor, conserve-se idealmente saudável. Ao entrar em involução orgânico-psíquica, sua interação com o meio fica paulatina mente empobrecida e ele perderá, talvez, capacidade de motivação, não terá novas percepções no mundo social, e diminui em muito a plasticidade comportamental; então, sim, ele não fará mais novas identificações.

3.3.4 Origem do fenômeno

Outro ponto de vista que logicamente é de vários cientistas, e que endosso com muita convicção, é a constatação objetiva e geral de que o relacionamento mãe e filho nos primeiros meses de vida é a base biológica válida para diferentes formas de identificação posteriores. Assim também, como é importante a mãe nos primeiros meses, a figura paterna avulta-se e marcará os períodos pré-pubertários e pubertários, promovendo a identificação masculina para o menino e possibilitando a identificação feminina da menina com a mãe.

Estes tipos de relação e identificação apontados desde Freud, com a tônica libidinal, são certamente de primeiríssima necessidade para o futuro ajustamento do ser humano na sociedade. Vimos isto sobejamente, apenas pelo que resumimos dos freudianos, sob aspectos clínicos, e dos etólogos, comparativamente.

Pelos limites impostos ao presente estudo, não elaboramos uma comparação no plano transcultural, como fize

mos no plano clínico e animal, sobre o valor do apego do infante a sua mãe ou substituta. Por isto, prudentemente, nos precatamos de concluir que o relacionamento binomial "exclusivo" fosse universal na espécie humana, e tão determinante para todos os contextos como é para nossa civilização. É sabido que existem culturas em que os bebês são criados sem exclusividade por muitas "mães". Certo é que, diferentemente das instituições hospitalares, esses infantes recebem contato humano e cuidados imediatos de modo multiplicado. Ignoramos até que ponto, antropologicamente falando, esse excesso de "mães" determina o tipo de indivíduo ajustado àquelas sociedades. Inferimos apenas, provisoriamente, que do fato de haver múltiplas mães advenham tipos de identificação bem diferentes dos descritos para nossa cultura.

3.3.5 O fenômeno identificação e sua patologia

Ao estudarmos A. Freud e Spitz, que se distinguiram como psicanalistas da infância, o nosso propósito foi não somente o de salientar o papel da identificação na Psicologia humana. Pretendemos pesquisar aquilo que a Psicanálise incluía como causas para identificações não satisfatórias ou como efeitos de identificações malogradas.

Registramos os pontos de vista de A. Freud em duas épocas, 1936 e 1966; em ambas, e mais precisamente na última, ela destaca relações objetais dos infantes como base para todos os tipos de identificações ulteriores. Assim, entende-se que, tendo o infante uma constituição saudável, provavelmente a estrutura psíquica tenderá ao equilíbrio, se fatores externos promoverem boas relações objetais; daí, identificações satisfatórias, e consequen

temente haverá alta probabilidade para um bom ajustamento social. Quando o infante bem constituído encontra óbj_{et}as para relações obj_{et}ais, será difícil prever os tipos e graus de identificação que alcança, haverá alta probabilidade de fracasso no ajustamento social. Teremos possivelmente indivíduos neuróticos, delinquentes, esquizóides e com outros distúrbios. A. Freud ainda aponta (e nós estamos convencidos de que está certo) como fator decisivo para distúrbios psíquicos, determinados tipos de costituição (inata) que levam a uma estruturação psíquica conflitiva e que, por conseguinte, sublevam o meio ambiente, por favorável que este seja, dificultando o relacionamento e a socialização. Estamos bem certos disso, e mais adiante descreveremos a constituição psicopática como exemplo expressivo dessa última asserção.

Spitz nos mostrou as formas mais dramáticas dos diferentes modos de carência afetiva, desde o período a que chamou de pré-objetal (recém-nascido), até aproximadamente os dezoito meses. Demarcou períodos críticos nos quais as relações afetivas adequadas se tornam ainda mais necessárias para o desenvolvimento normal. Na deficiência grave desses relacionamentos, colocou então a impossibilidade de progresso infantil toldado por um quadro clínico sombrio, e caso a sobrevivência for mantida, haverá um retardo notável na socialização individual.

A tese de Spitz, comprovada clínica e etologicamente, nos dá convicção para afirmar que, de fato, relações obj_{et}ais precárias no decorrer dos primeiros meses são fatores determinantes de identificações insatisfatórias e, por conseguinte, de indivíduos, em grau maior ou menor, com alguma psicopatologia.

Ocorre, entretanto, que mesmo sabendo-se da existência de infantes saudáveis e que encontraram ótimo ambiente para relações objetais durante a infância, podem eles serem atingidos por acidentes pessoais e sociais em época ulterior, e não formarem identificações normais no período crítico da puberdade. E dependendo da qualidade do acidente e do grau que atinge o indivíduo, surgirão distúrbios, quadros psicopatológicos diversos, desde um simples desajustamento até psicoses graves.

Partindo agora de casos concretos, isto é, da observação de indivíduos manifestamente perturbados, qual seria o papel da identificação nesses distúrbios? Claro que a resposta depende do estudo de cada caso. E a complexidade e extensão não dariam uma linha explicativa nítida e geral sobre a identificação. Julgamos, sim, fora de dúvida, considerar-se a dificuldade, malogro e hipertrofia de identificação, fatores que estão sempre presentes na etiologia da doença mental. Na esquizofrenia, por exemplo, o embotamento afetivo, a atitude autística, são mais que expressivos indícios de impossibilidade identificatória presente ou passada. Nos estados paranóides é possível a identificação com um modelo fantástico, e de modo tão impressionante, que o indivíduo se julga onipotente. Na psicopatia, a constituição inata, segundo Hare (1970)⁴⁰, dominando qualquer ambiente, favorece o perfil de um síndrome bem nítido: inteligência normal, ausência de alucinações, ausência de "nervosismo", julgamento fraco, insinceridade, egocentrismo, comportamento anti-social, ausência de culpa, dificuldade de relacionamento, incapacidade de amar, vida sexual pobremente integrada, reações emocionais fracas; em suma, o psicopata é incapaz

de experimentar os componentes emocionais dos comportamentos pessoal e interpessoal; ele "macaqueia" a personalidade humana comum, mas é incapaz de realmente sentir (Hare-1970). Tal acúmulo de sinais negativos, no que concerne o sentimento, empatia, relacionamento, etc., demonstra que o psicopata é o tipo constitucionalmente impossibilitado de formar identificações positivas e profundas desde a infância. E mais tarde, a agressividade e negativismo manifestos em maior grau são muito perturbadores para os que convivem com ele. Segundo Hare, as pesquisas neurológicas indicam que o psicopata apresenta distúrbios corticais: o eletroencefalograma mostra um padrão de imaturidade cortical, bem como possíveis anormalidades localizadas no cérebro, associados com a disfunção de mecanismos cerebrais, os quais regulam a atividade emocional e o controle comportamental.

Interessante também é o fato de que muitos indivíduos considerados psicopatas pela sua agressividade e por suas condutas anti-sociais, não são psicopatas clinicamente falando. Sob observação acurada e exame retrospectivo bem feito, eles são apenas produtos de um meio sub-cultural ou à margem da sociedade comum. Diferente dos psicopatas, estes delinquentes são capazes de lealdade, relacionamento profundo, reações emocionais fortes e sentimento de culpa, o que demonstra, pelo conjunto, uma forte capacidade de identificação com membros da família, gang ou grupo; apenas os seus modelos são justamente os mais reprováveis na nossa sociedade. A denominação mais adequada para os pseudo-psicopatas é a de "delinquentes sub-culturais" (Hare-1970).

Quanto à homossexualidade, correlacionada pela pró-

pria psicanálise com o malogro da identificação secundária (post edípica), ficamos com A. Freud em "Normality Pathology in Childhood", onde ela demonstra meticolosamente a dificuldade da questão: imputar simplesmente alguns fatos da infância e um relacionamento parental problemático com a homossexualidade do adulto é completamente errôneo. Históricos clínicos desencorajam tal generalização. Somos pelo critério de julgar a homossexualidade um desvio de múltiplas e complexas causas individuais e sociais; naturalmente, entre elas estão algumas causas por identificações malogradas e regressivas.

Ainda como exemplo para o assunto sobre anormalidades psico-sociais nas quais avulta a significância da identificação, temos que citar o fenômeno sociológico dos agrupamentos "hippies". Consideramos, como muitos estudiosos sociais, o surgimento dos hippies na década passada (já em declínio no momento) consequência da crise da sociedade ocidental em transição. Sabe-se que ao longo da História sempre houve grupos marginais (alienados e minoritários), pelos mais diversos motivos: raciais, políticos, econômicos, religiosos, doenças, contestação, etc. Mas o movimento "hippie" não teve precedentes como agrupamento etário, em diferentes países. Por isto, a atenção que desperta. Foge dos limites desta monografia analisar o problema em seus múltiplos aspectos, - mas é bem o nosso objetivo citá-lo por um dos principais componentes dessa marginalização: crise identificatória.

"Os adolescentes de hoje, face a um mundo cada vez mais complexo, automático e despersonalizado, têm a maior dificuldade para encontrar modelos identificáveis e aspirações saudáveis; tudo contribui para intensificar e prolongar uma alienação própria da idade e que seria passageira" (R. Gould-1971) #1

CAPÍTULO 4

BASE NEUROFISIOLÓGICA DA IDENTIFICAÇÃO E SUA ORIGEM

Sob influência da própria Psicanálise, tentaremos apresentar esta base fisiológica para o fenômeno que aqui se estuda. Freud procurava (e criou) uma fisiologia, embora não experimental, mas que não era fantasiosa, para explicar vários processos mentais e, mais especificamente, sintomas neuróticos. Freud defendia a construção (metapsicológica) que, posteriormente, serviria de base a uma neurofisiologia dos processos psíquicos.

Hoje, sabe-se amplamente que o avanço da Psicologia é grande por causa da aplicação de conceitos e métodos biológicos ao estudo dos processos mentais. Não obstante ser antiga a idéia de o cérebro corresponder ao órgão da mente, foi somente, porém, no último quartel do século XIX e no decorrer deste século que os neuro-anatomistas e fisiologistas apontaram aspectos importantes da estrutura e das funções do encéfalo. Fala-se, hoje, tranquilamente, das vias neurais da inteligência, emoção, consciência, etc., assim como da participação do sistema endócrino nas respostas adaptativas do organismo em situações de emergência. A relação do hipotálamo com a vida emocional e o conhecimento mais recente do sistema reticular relacionado com a motivação e atenção permitem crer que será imprescindível a integração ou interpenetração de conceitos psicológicos e fisiológicos. Claro que as

lacunas ainda são e serão muitas. É preciso, pois, relativa cautela para não extrapolar-se, de descobertas autênticas e tangíveis, as de conceitos ainda não verificáveis. Estas cautelas, procuramos ter, cientes das limitações de quem, não sendo especialista, apenas faz suposições baseadas nos descobrimentos de grandes especialistas.

Percepção - Córtex-Tálamo e Sistema Reticular Ativador - Por tudo que relacionamos até aqui, sabemos que as observações de psicólogos (entre outros, Spitz) demonstram como o infante, a princípio difusamente, não distingue o mundo exterior do seu próprio organismo. Só depois vai distinguindo, dando sinais "gestálticos" de conhecimentos mais impressionantes e definitivos.

Isto significa, de modo básico, que o ser humano, para ter capacidade de distinguir modelos que o façam humano e social, obviamente, terá que iniciar muito cedo o desenvolvimento e a capacidade perceptiva, não somente de cada sentido de per si (e mesmo na falta ou deficiência de um e outro), como deve ter capacidade de unificar diferentes sensações ou possuir a tendência biológica geral de organizar os estímulos isolados em percepção.

Desde o princípio da vida os processos básicos mentais vão depender da maturação paulatina do sistema nervoso e da aprendizagem. Provavelmente, a maturação física é o fator de maior importância nesse primeiro ano de vida, secundado pela interação com o ambiente que fornecerá a aprendizagem inicial. Na sua realização plena, a percepção é então um produto da interação do sistema sensorial com os mecanismos cerebrais relacionados com o ar

mazenamento e a recuperação de informações. Se o cérebro recebe informações sensoriais não só do mundo em volta mas também de receptores espalhados por todo o corpo, fica patente a base fisiológica da receptividade e precoce reconhecimento do contato corporal de outro ser humano, fator sobre o qual destacamos a significação.]

Entre os sistemas sensoriais, o visual é o mais examinado, dada a complexidade do olho e a predominância desse sistema para o conhecimento do mundo em termos de normalidade.

No seu artigo sobre a "Origem da Percepção da Forma" (1952),⁴² Fantz evidencia que os recém-nascidos galináceos, chimpanzés ou humanos manifestam certas preferências perceptuais da visão. É possível, de acordo com seus experimentos, afirmar-se que algumas capacidades são inatas e que as preferências perceptuais presentes pouco tempo após o nascimento têm significado adaptativo. Mas isto não implica atribuir toda a percepção à capacidade inata; aventa-se, porém, a hipótese das interrelações entre capacidade inata, maturação e aprendizagem (referidos acima), como fatores na percepção. Quer dizer que a mente infantil nem é pura "tábula rasa", em que tudo não é aprendizagem nem tudo capacidade inata. Vê-se a conjunção desses fatores nos experimentos especiais de Fantz sobre a visão em animais e infantes, quando foi verificado que, observados certos padrões inatos,

"há uma idade crítica para o desenvolvimento de uma dada resposta visual no momento em que capacidades visuais, mentais e motoras estão prontas para serem usadas, e, sob circunstâncias normais, serão usadas juntas. Se a resposta não é gravada na idade crítica, por ausência de estímulos visuais, o

desenvolvimento se processa anormal sem o componente visual".

Para as crianças, as pessoas têm uma importância que talvez seja comparável à importância do grão de milho no mundo da galinha. E o padrão facial é o aspecto mais diferenciado de uma pessoa, o mais valioso para distinguir uma pessoa de outros objetos; de fato, os testes com figuras, formas, cor, brilho, patentearam significativamente a preferência de fixação e outros sinais (em diferentes níveis etários) pelas formas, em detrimento da cor e brilho, e entre as formas de maior interesse destaca-se a figura da "face". Tudo sugere que há um sentido não aprendido, primitivo, na forma da percepção das crianças, bem como na dos galináceos.

[Temos que, neuro-fisiologicamente, a capacidade perceptiva, através da mielinização neurônica e interligações neuronais cerebrais nas áreas sensoriais (córtex), e entre estas e as fibras receptoras e motoras (Tálamo e Sistema Reticular Ativador), é o primeiro estágio determinante para o infante capacitar-se a conhecer outro ser humano, o qual há de prepará-lo a assimilar outros modelos. A tese comentada, de Spitz e de outros, sobre o reconhecimento do rosto (três meses) e posterior procura do rosto materno (angústia dos oito meses), é correlata a este processo neuro-fisiológico. Sabe-se atualmente que a atividade cerebral está presente desde o nascimento. Logo, o processo maturacional, desde que haja integridade anatômica, é uma constante, apresentando períodos mais notáveis ou mais críticos que capacitam o Sistema Nervoso para novas aquisições funcionais.] Betty McCadwell (1969)⁴³, comentando a hipótese de períodos críticos,

cita Scott, que se refere à possibilidade de

"...detectar-se nos mamíferos tais períodos após conhecimento das mudanças neuro-fisiológicas, as quais facilitarão novas formas de comportamento social. Os sistemas sensoriais são relativamente incessíveis logo no período neo-natal. Aproximadamente, porém, entre 3-7 semanas de idade, as mudanças no batimento cardíaco e no funcionamento do eletroencefalograma trazem evidência da possibilidade do estabelecimento de conexões neurais entre o córtex e o hipotálamo. Como consequência disso, este deve ser um período especialmente sensível para o surgimento de respostas sociais". (Grifo nosso)

Emotividade (Córtex-Sistema Límbico-Hipotálamo) - A compreensão da relação das emoções entre si no desenvolvimento da criança é ilustrada pela comparação com uma árvore em expansão. Assim, a primeira expressão é uma excitação geral (nascimento); mais tarde, a excitação se diferencia em alterações (1m) e prazeres (2m). As alterações de mal-estar se diferenciam à medida em que haja desenvolvimento normal em cólera (6m), temor (8-9m), inveja (15m); os prazeres, em alegria (3 meses), afeição por adultos (8-9 meses) e afeição por crianças, dos 15 meses em diante, tudo isto segundo Morgan (1968).⁴⁴ O principal é que temos de considerar a capacidade perceptora, ou seja, a faculdade de identificar engramas no mundo objetivo através da sensibilidade apontada, envolvida em tonalidades mais ou menos agradáveis, com base anatomo-fisiológica no hipotálamo. Isto quer dizer que, simultaneamente, os processos neurais perceptivos e processos neurais afetivos se desenvolvem com o amadurecimento do sistema límbico. O córtex cerebral e o sistema límbico, em conjunto, são as partes nervosas proeminentemente correlacionadas com a emoção, como já vimos, e de acordo com a citação

de McCadwell no item acima.

As vias neurais das relações objetais, relações analíticas e outras - Acima foram delineados os correlatos neurais das relações objetais e, em consequência, por questão de grau de amadurecimento, a identificação analítica. Da integridade do conjunto e de suas conexões com o sistema nervoso autônomo, o ser humano vai percebendo, selecionando, buscando identidades. Entre as diversas percepções, avulta a percepção social, a partir de uma base de relação precoce post natal. Como ficou testado, a configuração de uma face mostra que o lactente identifica o ser humano. Posteriormente, com mais idade, o infante reconhece determinada pessoa, porque seu sistema nervoso em maturação e maior número de experiências permitem uma percepção mais precisa do padrão facial. Um pouco mais tarde, minúcias sutis da expressão facial informam à criança se a pessoa está alegre ou triste, amigável ou hostil. Daí por diante, a evolução do sistema nervoso central e do sistema nervoso autônomo vão ampliando as possibilidades a percepções tão complexas que, para apreendê-las, foi preciso que os estudiosos as classificassem em outras tantas funções, antigamente tidas como fenômenos unitários (distintos) da mente: inteligência, memória, vontade, etc. No que tange à identificação e seus vários tipos, possivelmente estes vão surgindo de acordo com as citadas funções perceptivas e afetivas, num plano inconsciente, a princípio, mas que poderá, em determinada época, tornar-se plenamente consciente. Ao apontar-se a cortiça cerebral e suas ligações, e mais especificamente o sistema límbico para emotividade, como base ampla de qualquer processo identificatório, de

seja-se explicitar que cada um desses processos, no decorrer de sua evolução, apresenta o "back ground" afetivo peculiar, ou seja, sistemas emocionais subjacentes. Vimos que a identificação anaclítica dependerá da cognição em plano perceptivo básico e da satisfação das necessidades vitais. A identificação com o agressor passará, em alguma fase, pela emoção do medo ou da ira, cujas referências neurais citadas se completam, e mudanças viscerais do tipo colinérgico (interferência maior do hipotálamo e do sistema endócrino); esta situação predispõe o organismo a uma "defesa" de emergência que no caso é a aprendizagem (imitação) muito rápida. Na identificação secundária (ambos os sexos), é provável que haja, nas diferentes etapas de fixação, emoções de amor, isto é, ternura e admiração pelo adulto significativo. Neste caso, a referência neurológica comum é o sistema límbico, que impõe modificações viscerais difusas, não muito distintas, mas com um tônus geral de bem-estar (bem diferente da emoção erótica, cujas modificações e sensações são localizáveis). Tal sentimento de bem-estar gera segurança, disposição tranquila e inconsciente, para imitação e modelagem.

Falou-se, ao longo desse escrito, das seguintes e múltiplas formas de identificação do adolescente. A chamada crise da puberdade é aguda, sob todos os aspectos, como já se viu. E a referência neuropsicológica é bastante conhecida como a principal determinante das características físicas e psíquicas dos jovens. O amadurecimento total das gônadas completa o circuito hipofisário, e mais evidente se torna a importância do hipotálamo. As modificações acentuadas da aparência física colaboram pa

ra que o adolescente se torne superconsciente do seu eu em transformação. Algumas mudanças são drásticas, do ponto de vista somático, e outras paradoxais, do ponto de vista psíquico. Ao mesmo tempo, a mielinização se completa em todo o sistema nervoso. Pode-se dizer que o indivíduo, sob aspecto orgânico, desenvolveu globalmente seu código genético. Este fator anátomo-fisiológico, completando-se, facilita um número imenso de novas e complexas percepções. Resumindo, a inteligência atinge o máximo em potencial, e por isto, também, amplia-se o número de experiências ambientais. O adolescente deseja coisas novas, ao mesmo tempo que põe sob julgamento crítico valores, atitudes e comportamentos sociais antes aceitos ou tolerados. No que concerne à identificação, o fenômeno se torna múltiplo e intrincado, como já foi descrito páginas atrás. O adolescente pretende, inconscientemente, às vezes, e outras conscientemente, buscar seus modelos fora do ambiente doméstico e assimilá-los a seu modo. Qual outra referência neurofisiológica, além das citadas acima, avulta neste processo durante a puberdade? Se há no período uma direção nitidamente motivacional do fenômeno específico que estudamos, logicamente será o sistema motivacional que fica em evidência no presente enfoque. Sabe-se que há inúmeras categorias de motivação, algumas ainda não discutidas e suficientes; talvez a identificação seja uma delas. Sabemos também que cada categoria de motivação é um sinal; é a sinalização que faz liberar a energia vinda da estrutura corporal e faz o organismo agir, ter conduta específica. O sistema reticular ativador garante e controla o aparelho psíquico. O sistema reticular é semelhante ao sistema nervoso do córtex: é es-

tacionário, e tem estrutura tissular adequada, além de ser acoplado com outros sistemas. Por esta razão, pode-se explicar que vários tipos de identificação no jovem envolvem requisitos pré-motivacionais que fazem o indivíduo, no caso da identificação, ter conduta seletiva, crítica e de opção na busca e modelagem por pessoas significantes. Do mesmo modo, os incentivos (reforços) de pessoas ou grupos bem sucedidos, sob algum aspecto, agem como estímulo que se torna motivo para identificação; é também bastante plausível que muitos tipos de identificação juvenil tenham por motivação algo originário do próprio psiquismo, tal como, se fossem gerados dentro do sistema motivacional, seriam autóctones do sistema nervoso central.

Então, da juventude até plena maturidade, pode haver estabelecimento periódico de novas identificações, desde que as estruturas nervosas citadas estejam íntegras, e o ambiente, favorável. A isto nos referimos à pág.81, quando, igualmente por inferência óbvia, citou-se que, na involução da velhice, termina a capacidade para novas identificações.

As delineações das vias nervosas para identificação, descritas acima, além de inferidas do processo lógico das descobertas recentes sobre o sistema nervoso, são provadas, também, quando se sabe que alterações lesionais nas estruturas apontadas ou no quimismo celular das mesmas impedem vários tipos e níveis da aprendizagem, entre estes a identificação. Tem-se que a debilidade mental, esquizofrenia (esquizofrenia simples, hebefrenia, esquizocaria), a personalidade psicopática, bem como certos traumatismos cranianos e outras afecções que atingem o lobo

frontal, impedem ou interrompem a possibilidade de identificações normais. Viu-se que o ambiente completamente desfavorável, omissos em relações afetivas, afeta de modo total o organismo, a ponto de ser a este fatal, quando se verifica em tenra infância. Entende-se que, em caso menos intenso de negatividade de ambiente sobre crianças maiores, haja envolvimento do sistema nervoso, quanto ao seu funcionamento normal (por falta de estímulos e alimentação adequadas), e que impeça a aprendizagem, e nisto podendo-se incluir a dificuldade de identificação satisfatória. E também, como diz Hare (1970), "é possível que um distúrbio cortical produza alguma forma de comportamento anormal, mas também é possível que um determinado comportamento seja direta ou indiretamente responsável pelo distúrbio". Pode-se aplicar esta referência na identificação neurótica. Quando, por exemplo, houver uma exigência mórbida de seguimento de padrões ético-sociais em idades críticas, a criança pode ter uma distorção perceptiva e sentimental acentuadas, que a afetarão em sua maneira de identificar-se em épocas ulteriores. Os correlatos neurais do fenômeno (que em grau normal é conhecido como transferência afetiva, apontado por Freud) são as marcas de traços neurais: pela repetição intensa (E-R), em períodos de grande maleabilidade nervosa, estabelecem-se as vias facilitadas, ou seja, engendram um tipo peculiar de condicionamento a certos estímulos (que seriam reforços ou acontecimentos que criam os sulcos, linhas de facilitação), em suma, o que se entende por memorização. Já no caso especial das identificações fracas ou negativas da personalidade psicopática, o processo neurológico existente é correlacionado com a imaturidade cortical,

como também, conforme citação de Hare (1970) que Eysenck teria observado: o sistema nervoso do psicopata é predisposto ao rápido desenvolvimento de potenciais corticais inibitórios, o que resulta que ele demora a adquirir respostas condicionadas, e as extingue facilmente. Como o processo de socialização (incluindo identificação) depende de condicionamento, assume-se que esta incapacidade de identificação no psicopata é o resultado de sua baixa capacidade de condicionamento.

Na neuro-fisiologia atual, diz-se que todos os caminhos levam aos centros. Não conseguimos apresentar, através das inferências feitas, o centro específico para a identificação. Somos de opinião, todavia, que dada a complexidade crescente do fenômeno identificação, à medida em que o ser humano evolui, os caminhos das diferentes modalidades de identificação nos levam à confluência de centros nervosos, conforme descrevemos. É difícil, se não ainda impossível, mesmo para os grandes neurofisiologistas, explicar "in totum" e definitivamente a maioria dos fenômenos psicológicos superiores. A lacuna explicativa sobre consciência, inteligência, motivações, etc., até hoje persiste. E como a identificação, construto psicológico, depende desses construtos mais antigos, será também difícil obter uma explicação definitiva e em termos neuropsicológicos.

Talvez, quando se descobrirem todas as potencialidades do neurônio, através da análise precisa de seus múltiplos impulsos eletroquímicos, e isto multiplicado por 10 bilhões, obtenha-se o segredo do mecanismo básico do funcionamento cerebral, o que quer dizer a compreensão dos diferentes construtos da Psicologia. Mas isto é tão

intrincado e longínquo que, a rigor, pode-se deixar uma margem regular de impossibilidade para esta compreensão definitiva ou certa.

Partindo, porém, da idéia de que o organismo, como já nos referimos, é um sistema aberto com seus subsistemas coordenados entre si, e entre eles o sistema nervoso como sistema integrador, pode-se supor, dada a imprevisibilidade parcial da conduta humana em vários aspectos (incluindo obviamente o problema da identificação, que focalizamos), que haja um outro sistema aberto, capaz de interferir, governar também, em parte, o sistema orgânico individual.)

CONCLUSÃO

As contribuições dos etologistas e os trabalhos de Spitz, a nosso ver, confirmam satisfatoriamente a importância primordial da identificação no desenvolvimento infantil e, por conseguinte, na organização da personalidade humana.

O nosso intuito foi, pois, o de mostrar que o conceito de identificação encontra suporte empírico, não só na Psicanálise, como na Psicologia Comparada.

Podemos dizer que documentamos nossa posição através de um exame sistemático do processo de identificação: vimos, de início, o histórico do conceito, dentro da obra de Freud, para depois examiná-lo nos trabalhos clínicos e teóricos de Anna Freud e Spitz. Em seguida, comparamos os achados psicanalíticos com os resultados das pesquisas etológicas. Achamos que o processo da identificação deve ter correlatos neurofisiológicos, embora se presume que somente com futuras pesquisas neste campo será possível descrever com precisão as vias neurais e centros encefálicos correspondentes aos diferentes tipos de identificação.

Podemos agora resumir algumas conclusões deste trabalho:

- a) a identificação é essencial ao desenvolvimento da personalidade;
- b) a origem da identificação é o relacionamento mãe-fi-

lho, em seguida outras ligações familiares, destacando-se a figura paterna;

- c) o malogro da identificação produz diversos tipos de psicopatologia (retardo, marasmo, homossexualismo);
- d) algumas doenças mentais incluem entre os seus sintomas a incapacidade para identificação (esquizofrenia, personalidade psicopática);
- e) a adolescência se caracteriza por uma crise de identificação muito complexa e profunda, visível especialmente na sociedade contemporânea;
- f) o ser humano saudável tem capacidade para novas identificações no decorrer da maior parte da sua vida, isto é, até a involução da velhice.

Estes fatos conclusivos nos deram a certeza da importância da identificação durante a vida do ser humano; mas nos deram também a certeza de que ainda está fora do alcance da Psicologia atual a compreensão definitiva desse mecanismo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. E.Fromm, The Art of Loving (Harper and Bros., N.York, 1956), pp. 40-59.
2. F.H.Harlow, "The Heterosexual Affectional System", in American Psychologist, 17, 1-9, passim (1962)
3. S.Freud, "Las Neuropsicosis de Defensa", in Obras Completas (Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948), vol.I, pp. 173 e sgs.
4. S.Freud e J.Breuer, "La Histeria", in Obras Completas, cit., vol.I, pp. 25 e sgs.
5. A.Freud, El Yo y los Mecanismos de Defensa (Editorial Paidós, Buenos Aires, 1965), passim.
6. W.Cannon, The Wisdom of the Body (Ed. N.York, 1932).
7. S.Freud, "Más Allá del Principio del Placer", in Obras Completas, cit., vol.I, pp. 1111-1139.
8. S.Freud, "Cartas a Wilhelm Fliess", in Obras Completas, cit., vol.III, pp. 747, passim.
9. S.Freud, "La Interpretación de los Sueños", in Obras Completas, cit., vol.I, pp. 233-258.
10. S.Freud, "Esquema del Psicoanálisis", in Obras Completas, cit., vol.I, pp. 1009-1062.
11. S.Freud, "Psicología de las Masas", in Obras Completas, cit., vol.I, pp. 1159 e sgs.
12. S.Freud, "Sobre la Sexualidad Femenina", in Obras Completas, cit., vol.III, p. 518.
13. Ibid., p. 521.
14. Ibid., p. 525.
15. Ibid., p. 523.
16. S.Freud, "La Interpretación de los Sueños", cit., p.233.

17. S.Freud, "El 'Yo' y el 'Ello'", in Obras Completas, cit., vol.I, p. 1234.
18. H.Kohut e P.D.Seitz, "Concepts and Theories of Psychoanalysis", in Heine e Wepman (eds.), Psychoanalytic Theory of Personality
19. E.D.Boring, A History of Experimental Psychology (Appleton-Century-Crofts Inc., N.York, 1957), p. 707.
20. G.P.Barros, "Thermodynamic and Evolutionary Concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology", in S.Arieti (ed.), The World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy (Basic Books, N.York, 1970), pp. 72 e sgs.
21. U.Bronfenbrenner, "Freudian Theories of Identification and Their Derivatives", in A.Ullman (ed.), Sociocultural Foundations of Personality (Houghton Mifflin Company, Boston, 1965), pp. 251 e sgs.
22. A.Freud, op. cit., passim.
23. A.Freud, Normality and Pathology in Childhood (Hogarth Press, The Institute of Psycho-Analysis, 1969), passim.
24. H.Kohut e P.D.Seitz, op. cit., p. 127.
25. R.A.Spitz, O Desenvolvimento Emocional do Recém-nascido (Livraria Pioneira Editora, S.Paulo, 1960), passim.
26. R.A.Spitz, No y Si - Sobre la Génesis de la Comunicación Humana (Editorial Paidós, Buenos Aires, 1966), passim.
27. R.A.Spitz, La Formación del Yo - Una Teoría Genética de Campo (Centro Editor de America Latina, Buenos Aires, 1968), passim.
28. H.F.Harlow et al., "Manipulatory Motivation in Monkeys", in Journal of Comparative Physiological Psychology, 49, 444 (1956).
29. H.F.Harlow, "The Nature of Love", in American Psychologist, 13, 673-685 (1958).

30. H.F.Harlow, "Love in Infant Monkeys", in Scientific American, 200, 14-68 (1959).
31. H.F.Harlow, "The Effect of Rearing Condition on Behavior", in Bulletin of the Menninger Clinic, pp. 213-224 (1962).
32. H.F.Harlow, "The Heterosexual Affectional System in Monkeys", in American Psychologist, 17, 1-9 (1962).
33. S.Levine, "Estimulação na Infância", in Psicobiologia - As Bases Biológicas do Comportamento - Textos do "Scientific American" (Editora da Universidade de S.Paulo e Editora Polígono, S.Paulo, 1970), pp. 103 e sgs.
34. E.Hess, "Imprinting: an Affect of Early Experience", in R.G.Kuhlen e G.G.Thompson (eds.), Psychological Studies of Human Development (Appleton-Century-Crofts, N.York, 1970), pp. 47 e sgs.
35. E.Hess, "'Imprinting' em Animais", in Psicobiologia - As Bases Biológicas do Comportamento, cit., pp. 119 e sgs.
36. W.F.Hill, "Learning Theory and the Acquisition of Values", in Psychological Review, 67, 317-331 (1960).
37. R.Schafer, Aspects of Internalization (International Universities Press Inc., N.York, 1968), passim.
38. A.Biaggio, "Identificação: Principais Hipóteses", in Revista da Associação Brasileira de Psicologia, 3, 9-23 (1968).
39. M.Graciano, O Conceito de Identificação na Teoria da Aprendizagem Social (Tese, PUC, Rio, 1971).
40. R.Hare, Psychopathy: Theory and Research (John Wiley & Sons Inc., N.York, 1970), passim.
41. R.E.Gould, The Marginally Asocial Personality: The Beatnik-Hippie Alienation, in S.Arieti (ed.), op. cit., pp. 258-290.
42. R.L.Fantz, "A Origem da Percepção da Forma", in Psicobiologia..., cit., pp. 333-342.

43. B.M.Caldwell, "The Usefulness of the Critical Period Hypothesis in the Study of Filial Behavior", in J.F.Rosenblith e W.Allinsmith (eds.), The Causes of Behavior (Allyn and Bacon, Inc., Boston, 1969).
44. G.T.Morgan, Psicología Fisiológica (Ediciones Del Castillo S.A., Madrid, 1968), pp. 200-302.

Rio de Janeiro, agosto de 1972

Varela
Coordenador de PB do CTEH